

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

FRANCISCA ANTONIA DE FARIAS GRENZER

O letreiro de Pilatos

Um estudo exegético de Jo 19,19-22

Mestrado em Teologia

São Paulo

2020

FRANCISCA ANTONIA DE FARIAS GRENZER

O letreiro de Pilatos

Um estudo exegético de Jo 19,19-22

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de Mestra em Teologia sob orientação do Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo.

São Paulo

2020

Banca Examinadora

Agradecimentos

Agradeço

a Deus pela vida;

ao professor Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo, orientador dessa Dissertação de Mestrado;

aos professores Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa e Dr. Pe. Kuniharu Iwashita pelas observações nos momentos do Exame de Qualificação e da Defesa, e ao Dr. Pe. Donizete José Xavier como professor suplente interno;

ao professor Dr. Pe. Johannes Beutler pelas conversas e orientações, quando nos deu aulas no PPG em Teologia da PUC-SP;

ao professor Dr. Cláudio Francisco de Oliveira (Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, Mogi das Cruzes), membro externo da Banca de Defesa, e ao Dr. Claiton André Kunz (FABAPAR) como professor suplente externo;

ao professor Dr. Frei André Luiz Boccatto de Almeida pelo incentivo ao estudo;

ao professor Ms. Mauro Negro pelo diálogo e pelas indicações bibliográficas;

aos membros do Grupo de Pesquisa "Literatura Joanina" (LIJO);

à Fundação São Paulo (FUNDASP) pela Bolsa de Mestrado.

RESUMO

Conforme o testemunho dos quatro Evangelhos neotestamentários, houve uma “epígrafe” (Mc 15,26; Lc 23,38) ou um “letreiro” (Jo 19,19.20) “acima da cabeça de Jesus” Crucificado (Mt 27,37). Historicamente, trata-se do primeiro texto “escrito” ou “epigrafado” sobre o nazareno (Mt 27,37; Mc 15,26; Jo 19,19.20.21.22^{2x}). Mais ainda, segundo o Quarto Evangelho, tal texto, “escrito por Pilatos em hebraico, latim e grego” (Jo 19,20), além de “lido por muitos judeus” (Jo 19,20), logo provocou controvérsia entre as lideranças religiosas dos judeus e o governador romano (Jo 19,21-22). A intenção nesta Dissertação é investigar, de forma linguístico-literária e histórico-teológica, o que, conforme o Evangelho segundo João, se encontrava escrito no letreiro fixado na cruz de Jesus, sabendo-se que a tradição cristã, em suas representações iconográficas do Crucificado, acolhe o texto presente no Quarto Evangelho.

Palavras-chave: Pilatos, letreiro, Jesus, nazareno, rei dos judeus

ABSTRACT

According to the testimony of the four New Testament Gospels, there was an “epigraph” (Mk 15:26; Lk 23:38) or a “placard” (Jn 19:19.20) “above the head of Jesus” crucified (Mt 27:37). Historically, it is the first “writing” or “epigraphed” text about the Nazarene (Mt 27:37; Mk 15:26; Jn 19:19.20.21.22^{2x}). Moreover, according to the Fourth Gospel, the text “written by Pilate in Hebrew, Latin, and Greek” (Jn 19:20), and “read by many Jews” (Jn 19:20), soon provoked a controversy among the religious leaders of the Jews and the Roman governor (Jn 19:21-22). The intention of this Dissertation is to investigate, in a linguistic-literary and historical-theological way, what, according to Gospel of John, was written in that placard, knowing that the Christian tradition, in its iconographic representations of the crucified, welcomes the Johannine text.

Keywords: Pilate, placard, Jesus, Nazareth, King of the Jews

Sumário

Introdução	09
Objeto material: o episódio em Jo 19,19-22	10
Objeto formal: estudos crítico-textuais, linguístico-literários e histórico-teológicos	11
Contexto literário da micronarrativa	13
Referências bibliográficas e modo de citar	14
Justificativa	15
 1 Texto e configuração literária	 17
1.1 O texto grego segmentado	17
1.2 Tradução para o português	19
1.3 Variantes textuais	20
1.3.1 Primeira variante	20
1.3.2 Segunda variante	21
1.3.3 Terceira variante	25
1.4 Análise morfológica e sintática	26
1.5 Delimitação	32
1.6 Análise narrativa	34
1.6.1 Personagens	35
1.6.2 Notícias cronológicas	36
1.6.3 Referências geográficas	39
1.6.4 Voz do narrador e discursos diretos	42
1.6.5 Trama ou enredo	44
1.7 Elementos estilísticos	46
1.7.1 Paralelismos	46
1.7.2 Inclusão ou moldura	48
1.7.3 Estrutura concêntrica	48
1.7.4 Brevidade e retórica	49
1.8 Estudo comparativo: a inscrição na cruz segundo os quatro Evangelhos	49
1.9 Primeiros resultados	51

2	Contexto histórico e reflexão teológica	53
2.1	Pilatos	54
2.2	Inscrições romanas	60
2.3	O nazareno	61
2.4	O rei dos judeus	70
2.5	O lugar da crucificação	74
2.6	As três línguas	77
2.7	Os sumos sacerdotes	78
2.8	Segundos resultados	80
	 Considerações finais	 83
	 Referências bibliográficas	 85

Introdução

Os quatro Evangelhos no Novo Testamento relatam que Pilatos escreveu uma “epígrafe” – ver o substantivo ἡ ἐπιγραφή em Mc 15,26 e Lc 23,38 – ou “um letreiro” (ver o substantivo ὁ τίτλος em Jo 19,19.20), fixando tal inscrição no alto da cruz, acima da cabeça de Jesus. No Evangelho segundo Mateus, o letreiro é indicado com o termo “a causa escrita” (ver a expressão ἡ αἰτία γεγραμμένη em Mt 27,37).

Muitas representações iconográficas de Jesus crucificado trazem esse elemento, sendo que as palavras escritas por Pilatos são apresentadas de forma abreviada em língua latina: *INRI*. Trata-se da sequência dos termos *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum*. Talvez nem sempre se tenha maior clareza a respeito do significado dessas quatro letras, especialmente sobre a profundidade da reflexão promovida por elas. Menos ainda deve ocorrer a lembrança de que a arte, neste caso, acompanha o que é narrado no *Evangelho segundo João*, acolhendo a tradução latina dele. Afinal, existem nas narrativas dos quatro Evangelhos pequenas diferenças em relação àquilo que figurava no *letreiro* acima da cabeça de Jesus crucificado. Eis uma apresentação comparativa do que se lê em cada Evangelho:

Mt 27,37	Mc 15,26	Lc 23,38	Jo 19,19
οὗτος ἐστὶν Ἰησοῦς ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων	ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων	ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων οὗτος	Ἰησοῦς ὁ Ναζωραῖος ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων
Este é Jesus, o rei dos judeus	o rei dos judeus	o rei dos judeus [é] este	Jesus, o nazareno, o rei dos judeus

Objeto material: o episódio em Jo 19,19-22

Nos três Evangelhos sinóticos, a *notícia* sobre Pilatos ter escrito um letreiro é apresentada de forma mais curta e rápida, ocupando um só versículo, sem que existisse uma *cena* própria ou *micronarrativa* em torno desse motivo:

Mt 27,37	Acima de sua cabeça colocaram por escrito a sua causa: “Este é Jesus, o rei dos judeus”.
Mc 15,26	Havia a epígrafe de sua causa. Estava sobrescrito: “O rei dos judeus”.
Lc 23,38	Havia, pois, também uma epígrafe sobre ele: “Este (é) o rei dos judeus”.

No Evangelho segundo João, por sua vez, se narra como o “letreiro” de Pilatos provocou a leitura por parte de “muitos judeus” e até um protesto dos “sumos sacerdotes dos judeus”, resultando numa réplica do governador da Judeia (Jo 19,19-22). Ou seja, a partir da notícia sobre o letreiro de Pilatos nasce uma *cena mais extensa* em forma de uma *micronarrativa*, a qual ocupa quatro versículos. Justamente essa pequena *unidade literária* pertencente ao Evangelho segundo João irá tornar-se o *objeto material* do estudo apresentado nesta Dissertação de Mestrado. Eis uma primeira tradução do trecho em questão:

Jo 19,19-22	E Pilatos, pois, escreveu um letreiro e o colocou sobre a cruz. Estava escrito: “Jesus, o nazareno, o rei dos judeus”. Muitos dentre os judeus leram esse letreiro, uma vez que o lugar onde Jesus fora crucificado ficava próximo da cidade. E estava escrito em hebraico, latim e grego. Os sumos sacerdotes dos judeus, então, diziam a Pilatos: “Não escreve: ‘O rei dos judeus’, mas que aquele disse: ‘Eu sou rei dos judeus!’” Pilatos respondeu: “O que escrevi, escrevi!”
-------------	--

É curioso, aliás, observar que, na história da humanidade, a inscrição de Pilatos colocada sobre a cruz se tornou o *primeiro texto escrito sobre Jesus de Nazaré*. Mais ainda, *publicado* por quem condenou Jesus à morte, o texto, conforme o Evangelho

segundo João, logo foi *lido e contradito*. Ou seja, imediatamente após o seu *lançamento*, ganhou vida própria. Com isso, seu autor, após ter escutado o *pedido de modificação* por quem se propôs a contradizer o que havia escrito sobre Jesus, sentiu-se forçado a insistir na *defesa de suas palavras*. Assim, o primeiro texto sobre Jesus logo provocou um conflito entre lideranças políticas e religiosas.

Objeto formal: estudos crítico-textuais, linguístico-literários e histórico-teológicos

Enquanto o *objeto material* visa àquilo a que se dirige o conhecimento – no caso, a *micronarrativa* em Jo 19,19-22 –, o *objeto formal* designa a forma ou o modo de consideração, respectivamente o ponto de vista específico sobre o qual o *objeto material* é investigado. Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada insiste na moderna *metodologia exegética*, de acordo com os estudos dela nas obras correspondentes.¹

Eis as etapas previstas nesta Dissertação: na primeira parte do estudo, a micronarrativa em Jo 19,19-22, inicialmente, será acolhida na língua em que foi composta. Portanto, acompanhando a edição crítica comumente usada no mundo acadêmico, o texto bíblico em questão será lido e analisado em grego, verificando-se também as eventuais variantes nos antigos manuscritos gregos e nas antigas traduções (crítica textual).² Tudo isso exige analisar morfologicamente cada palavra grega, estudar sintaticamente a composição de cada frase grega, para assim chegar a uma tradução portuguesa de Jo 19,19-22 que se fundamenta na verificação do texto grego.³

¹ Wilhelm EGGER, **Metodologia do Novo Testamento. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos**; João Luiz Correia JÚNIOR e Sebastião Armando Gameleira SOARES, **Roteiro para analisar textos da Bíblia**; Cássio Murilo Dias da SILVA, **Ler a Bíblia como literatura**; Uwe WEGNER, **Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia**.

² Barbara ALAND; Kurt ALAND; Johannes KARAVIDOPOULOS; Carlo M. MARTINI; Bruce METZGER (Eds.), **The Greek New Testament**. No que se refere à *crítica textual*, cf. Kurt ALAND; Barbara ALAND, **Der Text des Neuen Testaments**.

³ Para o estudo do *grego koiné*, foram aproveitadas os seguintes *Manuais de Estudo, Dicionários e Gramáticas*: Cláudio Vianney MALZONI, **25 lições de iniciação ao grego do Novo Testamento**; William D. MOUNCE, **Léxico Analítico do Novo Testamento Grego**; James SWETNAM, **Gramática do Grego do Novo Testamento**; Amador-Ángel GARCÍA Santos, **Gramática do grego do Novo Testamento**; Friedrich BLASS; Albert DEBRUNNER; Friedrich REHKOPF, **Grammatik des neutestamentlichen Griechisch**.

Após o estabelecimento do texto a ser investigado, se valorizará que este se apresenta com qualidade literária. Será possível, pois, verificar tanto os elementos constitutivos de uma *narrativa*, que é *poesia épica*, como uma série de *elementos estilísticos* – diversos tipos de paralelismos, inclusão, estrutura concêntrica e retoricidade –, cujo emprego é o resultado do trabalho *poético* do(s) autor(es) do Evangelho segundo João. Ou seja, junto a toda a obra do Quarto Evangelho, ao qual pertence a *micronarrativa* aqui estudada, também o episódio em Jo 19,19-22 precisa ser qualificado como *literatura*. Assim, o texto em questão conduz a reflexão de seu ouvinte-leitor primeiramente pela *forma* que lhe foi dada. Que o texto bíblico é *literatura* não significa que, como às vezes imaginado, lhe faltassem *dimensões históricas e/ou teológicas*. Pelo contrário, somente se cultiva a memória histórico-teológico ao se narrar a história. Nessa perspectiva: aumentando-se a qualidade da narrativa, se presta um serviço à história da salvação. Eis o objetivo da literatura bíblica e, em especial, do Evangelho segundo João.

Como já fora dito, os quatro versículos joaninos (Jo 19,19-22) a serem analisados nesta Dissertação formam uma micronarrativa. O *gênero literário* maior das *narrativas*, por sua vez, diferentemente dos outros dois maiores gêneros da *poesia lírica* e das *formulações jurídicas*, nasce da presença de cinco elementos constitutivos: *voz de um narrador*, *personagens*, *notícias cronológicas*, *referências geográficas*, *voz do narrador* e uma *trama* ou um *enredo*. Junta-se, portanto, a *análise narrativa* ao estudo literário.⁴

A partir do estudo linguístico e narrativo-estilístico, a pesquisa aqui apresentada se dirigirá, em sua segunda parte, às questões histórico-teológicas. Afinal, Jo 19,19-22, como *literatura antiga*, acolhe, em seu *mundo narrado*, o contexto histórico-geográfico e cultural-religioso de Jerusalém, em torno do ano 30 do século I d.C. Além disso, sua *autoria* e, com isso, sua *história de composição* pertencem ao mesmo primeiro século depois de Cristo, por mais que agora, provavelmente, já se trate das décadas finais daquele século.⁵

Finalmente, junto a todo o *Evangelho segundo João*, também a micronarrativa aqui investigada precisa ser classificada como *literatura religiosa*. Nesse sentido, ela ajuda a

⁴ Cf. Daniel MARGUERAT; Yvan BOURQUIN, **Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa**.

⁵ Cf. Jean ZUMSTEIN, **O Evangelho segundo João**, p. 458-459.

promover a *reflexão teológica* sobre Jesus, objetivo central do livro neotestamentário em questão.

Contexto literário da micronarrativa

A *cena* em Jo 19,19-22, investigada nesta Dissertação de Mestrado, faz parte da *narrativa* mais abrangente sobre a *paixão e morte de Jesus*, que ocupa os capítulos 18 e 19 no Quarto Evangelho, sendo que estes dois capítulos apresentam ao ouvinte-leitor um conjunto de oitenta e dois versículos. Seguindo a proposta de Beutler, a *macronarrativa* sobre a paixão e morte de Jesus no Evangelho segundo João revela uma configuração organizada em três blocos, sendo que cada um deles, de forma concêntrica, é composto por sete *cenar*s ou *micronarrativas*. Eis uma esquematização da proposta de leitura do estudioso alemão:⁶

A prisão de Jesus e o processo judaico	O processo romano contra Jesus	Crucificação, morte e sepultamento de Jesus
A chegada no jardim (Jo 18,1-3)	Jesus é levado a Pilatos. Pilatos e os judeus (Jo 18,28-32)	A crucificação de Jesus (Jo 19,16c-18)
O encontro com o comando militar e policial (Jo 18,4-9)	O primeiro diálogo entre Pilatos e Jesus (Jo 18,33-38b)	O leiteiro de Pilatos (Jo 19,19-22)
A ação de Pedro e sua repreensão por Jesus (Jo 18,10-11)	Pilatos e os judeus: oferta de amnistia (Jo 18,38c-40)	A repartição das vestes (Jo 19,23-24)
Jesus é conduzido ao sumo sacerdote (Jo 18,12-14)	Flagelação e coroação (Jo 19,1-3)	Convivências junto à cruz (Jo 19,25-27)
Primeira negação de Pedro (Jo 18,15-18)	Pilatos e os judeus: a apresentação do rei (Jo 19,4-7)	A morte de Jesus (Jo 19,28-30)
Interrogação de Jesus por Anás e o encaminhamento a Caifás (Jo 18,19-24)	Jesus novamente diante de Pilatos (Jo 19,8-12)	A abertura do lado de Jesus com a lança (Jo 19,31-37)
Segunda e terceira negações de Pedro (Jo 18,25-27)	A condenação de Jesus (Jo 19,13-16b)	O sepultamento de Jesus (Jo 19,38-42)

⁶ Cf. Johannes BEUTLER, **Evangelho segundo João**, p. 405-406.

Neste momento, não é necessário rever e avaliar minuciosamente as *delimitações* das *vinete e uma cenas* que formam os *três blocos* da narrativa joanina sobre a paixão e morte de Jesus, de acordo com as justificativas apresentadas por Beutler. Em geral, são as *mudanças de local* e/ou os *reagrupamentos das personagens* participantes da macronarrativa que, no ouvinte-leitor, dão a impressão de que se inicia uma nova cena. Todavia, ao ser estudado aqui o que se ouve ou lê em Jo 19,19-22, será preciso justificar que se trata de uma *cena* e/ou *micronarrativa* bem delimitada.

Enfim, é preciso ter consciência do encaixe planejado da *cena* ou *micronarrativa* de Jo 19,19-22, numa *macronarrativa* (Jo 18–19) e, com isso, na *obra literária* toda, que é o Evangelho segundo João, sendo que o texto final, como *narrativa poética*, revela uma *configuração artística*. Durante toda a análise, o estudo de Jo 19,19-22, portanto, há de visar a este seu *contexto literário maior*, uma vez que, somente dentro dele, exerce sua função e ganha seu sentido.

Referências bibliográficas e modo de citar

Em busca de uma bibliografia específica sobre Jo 19,19-22 – verificando o que se encontra registrado em NEW TESTAMENT ABSTRACTS, referente aos anos de 1980 a 2015 –, percebe-se que, nos últimos trinta e cinco anos, surgiu apenas um estudo monográfico sobre a cena aqui estudada.⁷ Trata-se de um Artigo em língua eslovaca, na Revista *Studia Biblica Slovaca*, publicado em 2007.⁸

Sobre o *leteiro na cruz*, existe um estudo monográfico, resultado de uma tese doutoral defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, Itália. Tal pesquisa, além de estudar exegeticamente os trechos referentes ao leteiro de Pilatos nos quatro Evangelhos neotestamentários, envolve também uma pesquisa sobre a relíquia chamada de *Titulus Crucis* na Basílica de Santa Cruz em Roma, Itália.⁹

⁷ Em julho de 2017, ao configurar o Projeto de Pesquisa para a Dissertação de Mestrado aqui apresentada, verifiquei a situação bibliográfica na Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Teologia Sanktt. Georgen em Frankfurt, Alemanha.

⁸ Cf. Maurizio MARCHESELLI. *Nápis na kríži a jánovská komunita (Jn 19,19-22)*.

⁹ Cf. Maria-Luisa RIGATO, *I.N.R.I. Il titolo dela Croce*. Ver também Michael HEISEMANN, *Testimoni del Golgota*, p. 66-75.

No mais, são importantes as pesquisas monográficas que se dedicam aos personagens presentes em Jo 19,19-22. De um modo específico, *Pilatos* ganha maior relevância, por ele ter sido o autor do que se lê no *letrero*. Mencionado nos quatro *Evangelhos* e por *Flávio Josefo* e *Fílon de Alexandria*, fontes pertencentes ao primeiro século d.C., Pilatos se tornou, de um modo mais abrangente, objeto de pesquisa na tese doutoral de Bond, defendida na Universidade de Durham, na Inglaterra.¹⁰ Outros estudos sobre *Pilatos*, em forma de Artigos científicos, se juntam a pesquisa aqui apresentada.¹¹ Seja mencionada também a pesquisa monográfica de Diebold-Scheuermann sobre o interrogatório de Jesus por Pilatos, narrado pelo Evangelho segundo João.¹²

Nesta Dissertação de Mestrado, adotou-se a seguinte forma de indicar as referências bibliográficas: nas *notas de rodapé*, são mencionados o nome do(a) autor(a), o título do estudo e, se for o caso, a(s) página(s) em que se encontra a citação. Nas *Referências bibliográficas* no final do estudo, se encontram também todos os dados secundários referentes às publicações citadas. Basta procurar pelo nome principal do(a) autor(a), escrito com maiúsculas.

Justificativa

A *Área de Concentração no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia* da PUC-SP é intitulada “Teologia cristã”. Define-se que o estudo científico e crítico daquilo que configura a fé cristã ocupa as pesquisas aqui realizadas.¹³ O cristianismo, por sua vez, histórica e teologicamente encontra seu fundamento nos quatro Evangelhos que ocupam o início do Novo Testamento, sendo que, nas narrativas deles, Jesus de Nazaré – com seu ensino, sua prática e o destino que sofreu – tem a mais absoluta centralidade. Portanto, em vista do conhecimento do cristianismo e de sua possível contribuição à construção de convivências mais felizes em meio à humanidade, a

¹⁰ Cf. Helen K. BOND, **Pontius Pilate in history and interpretation**.

¹¹ Cf. Christopher M. TUCKETT, **Pilate in John 18–19. A Narrative-Critical Approach**; Martinus C. de BOER, **The Narrative Function of Pilate in John**.

¹² Carolina DIEBOLD-SCHEUERMANN, **Jesus vor Pilatus. Eine exegetische Untersuchung zum Verhör durch Pilatus (Joh 18,28–19,16a)**.

¹³ Antonio MANZATTO; Matthias GRENZER, **Teologia cristã latino-americana Anotações sobre a Área de Concentração do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP**.

investigação científica das tradições neotestamentárias é de maior relevância. A Dissertação de Mestrado aqui prevista, com o estudo pormenorizado de uma micronarrativa pertencente ao Evangelho segundo João (19,19-22), se justifica a partir desse horizonte.

Mais especificamente, a Teologia tem a tarefa de ser o espaço onde se realizam os estudos histórico-críticos da Bíblia, sendo que os textos bíblicos fazem parte do patrimônio cultural da humanidade. Nesse sentido, no âmbito da Igreja Católica, ocorreram enormes avanços, especialmente desde o final do século XIX d.C., tendo a primeira *Encíclica bíblica*, de 1893, sobre os *estudos da Sagrada Escritura* – "Providentissimus Deus" – do papa Leão XIII como referência. Nos mais diversos centros universitários e institutos especializados, favoreceu-se desde então que as tradições bíblicas fossem estudadas de forma metodologicamente justificada. Assim, ocorreram múltiplos avanços no que se refere aos estudos linguísticos, literários, históricos e teológicos dos textos bíblicos. Também o *Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia* da PUC-SP favoreceu esse processo nas últimas décadas. O estudo aqui apresentado em forma de *Dissertação de Mestrado* quer se inserir nessa dinâmica, sendo que a pesquisa sobre o *letreiro de Pilatos* em Jo 19,19-22 visa, em especial, à exegese do Evangelho segundo João.

1 Texto e configuração literária

O primeiro capítulo da Dissertação de Mestrado aqui apresentada dedica-se ao estudo do texto de Jo 19,19-22. Como já fora dito na Introdução, trata-se de uma unidade literária bem delimitada que, junto a outras unidades, compõe as cenas da história da paixão e morte de Jesus narrada em Jo 18-19, parte que, teologicamente, assume centralidade no Quarto Evangelho.

O Evangelho segundo João, originalmente, foi escrito em grego, "língua comum entre vários povos" em torno do mar Mediterrâneo, sendo que tal escrito bíblico se encaixa no "período *koiné* de 330 a.C. a 330 d.C.", tempo "de maior expansão do grego".¹⁴ O termo *koiné* pertence à língua grega, trazendo à memória justamente o adjetivo κοινός, -ή, -όν, que significa "comum" ou "o que pertence a vários".¹⁵ Todavia, de acordo com as exigências de uma pesquisa científica, o estudo presente, inicialmente, será dedicado ao estabelecimento da (crítica textual), à análise morfológica, sintática e narrativa da unidade literária em Jo 19,19-22. A micronarrativa a ser estudada apresenta-se, antes de tudo, como literatura, ou seja, como uma narrativa elaborada de modo artístico. Como literatura, a partir e dentro de seu contexto histórico-cultural, ela promove uma reflexão teológica. Por isso, o primeiro capítulo dessa Dissertação se propõe a investigar, antes de, no segundo capítulo, ir ao encontro das dimensões histórico-teológicas, as dimensões literárias do texto de Jo 19,19-22.

1.1 O texto grego segmentado

Será apresentado agora o texto grego de Jo 19,19-22. Acolheu-se a versão que as edições críticas do Novo Testamento, comumente usada no mundo do estudo científico, favorecem como provavelmente mais original.¹⁶ Mais ainda, a apresentação do texto grego ocorrerá logo de forma segmentada, sendo que as decisões em relação às

¹⁴ Cláudio Vianney MALZONI, **25 lições de iniciação ao grego do Novo Testamento**, p. 15.

¹⁵ William D. MOUNCE, **Léxico analítico do Novo Testamento Grego**, p. 368.

¹⁶ Cf. Barbara ALAND; Kurt ALAND; Johannes KARAVIDOPOULOS; Carlo M. MARTINI; Bruce METZGER, **The Greek New Testament** (5. edição), p. 386;

subdivisões aqui visibilizadas serão justificadas no decorrer deste primeiro capítulo. Além disso, é apresentada uma numeração não semente dos versículos, mas também dos versetos, sendo que esta será seguida em todo o estudo.

Versetto	Texto grego
v. 19a	ἔγραψεν δὲ καὶ τίτλον ὁ Πιλάτος
v. 19b	καὶ ἔθηκεν ἐπὶ τοῦ σταυροῦ·
v. 19c	ἣν δὲ γεγραμμένον·
v. 19d	Ἰησοῦς ὁ Ναζωραῖος ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων.
v. 20a	τοῦτον οὖν τὸν τίτλον πολλοὶ ἀνέγνωσαν τῶν Ἰουδαίων,
v. 20b	ὅτι ἐγγὺς ἦν ὁ τόπος τῆς πόλεως
v. 20c	ὅπου ἐσταυρώθη ὁ Ἰησοῦς·
v. 20d	καὶ ἦν γεγραμμένον Ἑβραϊστί, Ῥωμαϊστί, Ἑλληνιστί.
v. 21a	ἔλεγον οὖν τῷ Πιλάτῳ οἱ ἀρχιερεῖς τῶν Ἰουδαίων·
v. 21b	μὴ γράφῃ·
v. 21c	ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων,
v. 21d	ἀλλ' ὅτι ἐκεῖνος εἶπεν·
v. 21e	βασιλεὺς εἰμι τῶν Ἰουδαίων.
v. 22a	ἀπεκρίθη ὁ Πιλάτος·
v. 22b	ὃ γέγραφα, γέγραφα.

1.2 Tradução para o português

A tradução para o português do Brasil proposta a seguir, é o resultado final da pesquisa realizada nesta Dissertação. Visando a legibilidade do estudo, ela está sendo antecipada. Durante a realização da investigação, a tradução de forma constante, recebeu correções.

A subdivisão em versículos e versetos corresponde à apresentação do texto grego. No que se refere, por sua vez, às sequências das palavras nas frases, estas não têm como serem as mesmas, uma vez que as línguas grega e portuguesa seguem opções gramaticais diferentes.

Versetto	Tradução para o português
v. 19a	E Pilatos, pois, escreveu um letrero
v. 19b	e o fixou sobre a cruz.
v. 19c	Estava, pois, escrito:
v. 19d	"Jesus, o nazareno, o rei dos judeus".
v. 20a	Muitos dos judeus, pois, leram esse letrero,
v. 20b-c ¹⁷	visto que o lugar onde Jesus fora crucificado ficava próximo à cidade.
v. 20d	E estava escrito em hebraico, latim e grego.
v. 21a	Os sumos sacerdotes dos judeus, no entanto, diziam a Pilatos:
v. 21b	“Não escrevas:
v. 21c	‘O rei dos judeus’,

¹⁷ Por respeito à língua destinatária (o português), os dois versetos em v. 20b-c, os quais podem ser claramente distinguidos no texto grego – "visto que o lugar ficava próximo à cidade, onde Jesus fora crucificado", em português são melhor juntas, intercalando v. 20c nas palavras que compõem o v. 20b.

v. 21d	mas que aquele disse:
v. 21e	‘Sou rei dos judeus!’”
v. 22a	Respondeu Pilatos;
v. 22b	“O que escrevi, escrevi!”

1.3 Variantes textuais

A quinta edição do *The Greek New Testament*, publicada em 2014, não apresenta nenhuma variante referente ao texto em Jo 19,19-22. Em princípio, esta edição crítica do Novo Testamento em grego, de forma resumida, insiste, na parte do aparato crítico, somente em variantes de maior importância. De acordo com os editores do *The Greek New Testament*, trata-se de textos "onde as traduções internacionais mais importantes do Novo Testamento apresentam anotações referentes a variantes textuais ou têm diferenças em suas traduções e interpretações".¹⁸

A vigésima oitava edição do *Novum Testamentum Graece*, publicada em 2012, traz, por sua vez, três variantes para Jo 19,19-22 em seu aparato crítico.¹⁹ Sejam essas analisadas agora de acordo com a metodologia do estudo da crítica textual do Novo Testamento.²⁰

1.3.1 Primeira variante

A primeira observação crítica ao texto grego em Jo 19,19-22 refere-se ao que se lê no final de v.19c. No texto principal é apresentado o sinal [†], o qual sinaliza que, "nos manuscritos mencionados no aparato crítico, uma ou várias palavras foram inseridas

¹⁸ Barbara ALAND; Kurt ALAND; Johannes KARAVIDOPOULOS; Carlo M. MARTINI; Bruce METZGER (Eds.), **The Greek New Testament**, p. 8*.

¹⁹ Cf. Barbara ALAND; Kurt ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**, p. 368-369.

²⁰ No que se refere ao estudo da crítica textual, confira Kurt ALAND; Barbara ALAND; **O texto do Novo Testamento. Introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual**; Uwe WEGNER, **Exegese do Novo Testamento**, p. 60-111.

neste lugar".²¹ De fato, o aparato crítico oferece a seguinte informação: "a família do minúsculo 13, ou seja, os minúsculos 13, 69, 124, 174, 230, 346 etc." – a sigla é *f*¹³ – traz, no final de v. 19c, ainda as palavras Ἑβραϊστί, Ῥωμαϊστί, Ἑλληνιστί, exatamente como, em geral, se lê em v. 20c.²² Ou seja, a *família do minúsculo 13* já lê em v. 19c: "Estava, pois, escrito em hebraico, latim e grego", sendo que não repete essa informação sobre as três línguas em v. 20c. Observa-se assim uma variante que nasce da antecipação de um elemento textual.

1.3.2 Segunda variante

A segunda variante indicada na vigésima oitava edição do *Novum Testamentum Graece* se refere ao que se lê em v. 20c, sendo que as palavras deste verseto são apresentadas entre dois sinais – ‘ e ’ –, cuja primeira função é indicar que as palavras entre tais sinais foram substituídas nos manuscritos indicados. Também pode tratar-se de simples deslocamentos, no sentido de a sequência das palavras não ser a mesma. Nesse caso, as palavras são numeradas, sendo que os números cursivos no aparato crítico indicam os deslocamentos ocorridos nos manuscritos mencionados.²³

No texto principal do *Novum Testamentum Graece*, leem-se as seguintes seis palavras em v. 20c: ‘καὶ ἦν γεγραμμένον Ἑβραϊστί, Ῥωμαϊστί, Ἑλληνιστί’. Nas anotações correspondentes no aparato crítico, no entanto, se encontram três anotações em relação a esse texto.

A primeira anotação traz as seguintes siglas: 1-4 (+ καὶ 1241) 6 5 A D^s K Γ Θ *f*¹ 565. 700. 892^s. 1241. 1424 *℣* lat sy. Percebe-se, primeiramente, que há uma variante no sentido de existir uma inversão no que se refere à posição das palavras Ῥωμαϊστί e Ἑλληνιστί. Quer dizer, em vez de lerem em Jo 19,20c "E estava escrito em hebraico, latim (e) grego", os manuscritos mencionados leem "E estava escrito em hebraico, grego (e) latim". Eis, em forma de tabela, uma apresentação dos manuscritos que trazem tal variante, com o acréscimo de informações sobre a idade e o uso de cada manuscrito em

²¹ Barbara ALAND; Kurt ALAND (eds.), *Novum Testamentum Graece*, p. 12*.

²² Uwe WEGNER, *Exegese do Novo Testamento*, p. 73.

²³ Barbara ALAND; Kurt ALAND (eds.), *Novum Testamentum Graece*, p. 10*.

questão pelos editores da vigésima oitava edição do Nestle-Aland, de acordo com as informações constantes nos *Apendices* da obra.²⁴

Sigla	Idade	Tipo de manuscrito	Uso no Nestle-Aland
A 02	século V d.C.	maiúscula	testemunha constante
D ^s 05 O ^s levantado indica um <i>supplementum</i> , sendo que há folhas acrescentadas à <i>maiúscula</i> , as quais trazem o texto de Jo 18,14–20,13.	século V d.C.	maiúscula	testemunha constante
K 017	século IX d.C.	maiúscula	testemunha constante
Γ 036	século X d.C.	maiúscula	testemunha constante
Θ 038	século IX d.C.	maiúscula	testemunha constante
<i>f</i> ¹ (as seguintes minúsculas, indicadas por números sem 0 no início, são da família um (= <i>f</i> ¹))			
565	século IX d.C.	minúscula	testemunha constante
700	século XI d.C.	minúscula	testemunha constante
892 ^s O ^s levantado indica um <i>supplementum</i> , sendo que há folhas acrescentadas à	século IX d.C.	minúscula	testemunha constante

²⁴ Barbara ALAND; Kurt ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**, p. 791-835. Seja ainda explicado, de antemão, que, além de serem indicadas por uma letra hebraica, latina ou grega, as *maiúsculas* são identificadas também por um número.

<i>minúscula</i> , as quais trazem o texto de Jo 14,23 até o fim do Evangelho.			
1241 Além de trazer a inversão dos termos Ῥωμαῖστί e Ἑλληνιστί, a minúscula 1241 acrescenta a conjunção και (ver a indicação de + και 1241).	século XII d.C.	minúscula	testemunha constante
1424	século IX/X d.C.	minúscula	testemunha constante
ⲙ texto maioritário nos manuscritos <i>koine</i>			testemunha constante
lat = a <i>Vulgata</i> e parte das testemunhas da <i>Vetus Latina</i>	<i>Vulgata</i> : séculos IV-V d.C. <i>Vetus Latina</i> : a partir do século II d.C.		
syr = toda a <i>tradição siríaca</i>	a partir do século V d.C.		

A segunda anotação referente ao que se lê em Jo 19,20 é encontrada após o sinal ' no aparato crítico da vigésima oitava edição do Nestle-Aland. Tal sinal, pois, tem a função de "separar entre diferentes variantes em relação a diversos lugares no texto, sendo que as variantes formam um conjunto ou uma unidade de variantes".²⁵ Esta vez se leem as siglas: 1–5 4 (!) W. O ponto de aclamação em cursivo e entre parênteses tem o valor de dizer *sic!*, ou seja, é assim, mesmo que não faça sentido, tratando-se de uma variante sem sentido.²⁶ Todavia, a maiúscula W 032, do século IV/V d.C., testemunha constante

²⁵ Barbara ALAND; Kurt ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**, p. 13*.

²⁶ Barbara ALAND; Kurt ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**, p. 16*.

para o Nestle-Aland, lê em Jo 19,20c a seguinte sequência de palavras 1–5 4, quer dizer: καὶ ἦν γεγραμμένον Ἑβραϊστί, Ῥωμαϊστί, Ἑβραϊστί, ou seja, algo incompreensível: "E estava escrito em hebraico, romano (e) hebraico".

A terceira anotação, após outro sinal | no aparato crítico, indica que nas minúsculas da família treze não consta nenhuma das seis palavras que se leem em Jo 19,20c: ver as siglas – f¹³. Afinal, como analisado anteriormente, tais minúsculas tinham antecipado a informação a respeito das três línguas no final de v. 19.

Após mais um sinal | no aparato crítico, a vigésima oitava edição do Nestle-Aland indica finalmente aqueles manuscritos que favorecem a leitura tida como provavelmente mais original, constante no texto principal, sendo que é a sigla *txt* tem a tarefa de introduzir tal variante.²⁷ Leem-se agora as seguintes siglas: *txt* $\mathfrak{P}^{66vid}$ $\aleph$ B L N Ψ 33. 579 e ff² co. Por ser outra vez um conjunto maior de informações, a seguinte tabela quer favorecer a decifração das siglas.

Sigla	Idade	Tipo de manuscrito	Uso no Nestle-Aland
$\mathfrak{P}^{66vid}$ A abreviatura ^{vid} significa "ut videtur", ou seja, "como parece", pois não se tem toda a certeza, sendo que, às vezes, somente existem restos de letras.	cerca 200	papiro	testemunha constante
$\aleph$ 01	século IV d.C.	maiúscula	testemunha constante
B 03	século IV d.C.	maiúscula	testemunha constante
L 019	século VIII d.C.	maiúscula	testemunha constante

²⁷ Cf. Barbara ALAND; Kurt ALAND (eds.), *Novum Testamentum Graece*, p. 13*.

N 022	século VI d.C.	maiúscula	testemunha constante
Ψ 044	século IX/X d.C.	maiúscula	testemunha constante
33	século IX d.C.	minúscula	testemunha constante
597	século XIII d.C.	minúscula	testemunha constante
e	século V d.C.	Codex em latim	
ff ²	século V d.C.	Codex em latim	
co		todas as versões coptas	

1.3.3 Terceira variante

A vigésima oitava edição do Nestle-Aland anota uma terceira variante referente ao que se lê em Jo 19,21. Essa vez, as siglas ^s e ^z indicam que "o texto entre esses sinais, no que se refere à sequência das palavras, sofreu mudanças nos manuscritos indicados".²⁸ No caso, estão em jogo as últimas três das quatro palavras em Jo 19,21e: βασιλεύς εἰμι τῶν Ἰουδαίων. Alguns manuscritos, pois, leem: βασιλεύς τῶν Ἰουδαίων εἰμι. Novamente, em forma de uma tabela, sejam lidas as siglas constantes na vigésima oitava edição do Nestle-Aland: ^s B L Ψ 33.

Sigla	Idade	Tipo de manuscrito	Uso no Nestle-Aland
B 03	século IV d.C.	maiúscula	testemunha constante
L 019	século VIII d.C.	maiúscula	testemunha constante

²⁸ Barbara ALAND; Kurt ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**, p. 12*.

Ψ 044	século IX/X d.C.	maiúscula	testemunha constante
33	século IX d.C.	minúscula	testemunha constante

De forma resumida, pode se afirmar que as três variantes referentes ao que se lê em Jo 19,19c.20c.21e, todas elas analisadas aqui, não influenciam a compreensão no sentido de que indicassem eventuais modificações em relação ao conteúdo histórico e teológico narrado pela micronarrativa em questão. Trata-se apenas de antecipações ou simples inversões em relação à sequência das palavras constantes.

1.4 Análise morfológica e sintática

O primeiro passo ao ler um trecho do Novo Testamento em grego é analisar a *forma* (ἡ μορφή) de cada palavra. Os gramáticos usam a expressão *análise morfológica* para indicar o *estudo da forma da palavra*. Tal estudo é fundamental para, posteriormente, descobrir-se a função que a palavra em questão exerce na composição ou na construção da frase. Este segundo passo é o estudo da *sintaxe*, que visa às relações de concordância entre os diferentes elementos que compõem as frases.²⁹

Apresenta-se aqui o *estudo morfológico e sintático* das setenta e quatro (74) palavras gregas que formam a micronarrativa em Jo 19,19-22 em forma de uma tabela. Segue-se a sequência das palavras da forma que elas aparecem no texto bíblico. Além disso, na última coluna, a tabela a seguir oferece a carga semântica da palavra analisada, da forma que ela é traduzida nesta pesquisa.

²⁹No que tange a *análise morfológico-sintática* e das *cargas semânticas* dos vocábulos analisados, o presente estudo valeu-se dos seguintes dicionários e das seguintes obras sobre a gramática do *grego neotestamentário*: Walter BAUER, **Griechisch-Deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der übrigen urchristlichen Literatur**; Friedrich BLASS; Albert DEBRUNNER; Friedrich REHKOPF, **Grammatik des neutestamentlichen Griechisch**; Karl LAHMER, **Grammateion: Griechische Lerngrammatik kurzgefasst**; Cláudio Vianney MALZONI, **25 lições de iniciação ao grego do Novo Testamento**; William D. MOUNCE, **Léxico Analítico do Novo Testamento Grego**; James SWETNAM, **Gramática do Grego do Novo Testamento: Parte I Morfologia**; Molly WHITTAKER; Horst HOLTERMANN, **Ianua Linguae Graecae: Grammatik und Übungsbuch zur Einführung in die griechische Sprache des Neuen Testaments**.

Verseto	Palavra grega	Análise morfológica	Análise sintática	Carga semântica
v. 19a	ἔγραψεν	Verbo irregular (γράφω): Aoristo Indicativo Ativo Terceira Pessoa do Singular	Predicado	"escreveu"
	δὲ	Conjunção (partícula) coordenativa ³⁰		"mas", "porém", "pois", "e"
	καὶ	Conjunção coordenativa		"e"
	τίτλον	Substantivo: Acusativo Singular Masculino (Objeto direto)	Predicado	"letrado", "sobrescrito", "placa"
	ὁ	Artigo definido: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"o" ³¹
	Πιλάτος	Substantivo: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"Pilatos"
v. 19b	καὶ	Conjunção coordenativa		"e"
	ἔθηκεν	Verbo irregular (τίθημι): Aoristo Indicativo Ativo Terceira Pessoa do Singular	Predicado (com sujeito oculto)	"colocou" "fixou" "pôs"
	ἐπὶ	Preposição (com Genitivo)	Predicado	"sobre" "junto a"
	τοῦ	Artigo definido: Genitivo Singular Masculino	Predicado	"a"
	σταυροῦ	Substantivo: Genitivo Singular Masculino	Predicado	"cruz"
v. 19c	ἦν	Verbo irregular (εἶμι): Imperfeito Indicativo Ativo Terceira Pessoa do Singular	Sujeito- predicado	"estava"

³⁰ O termo *partícula*, em princípio, somente diz que se trata de uma palavra *pequena*, sendo que as definições mais exatas variam bastante. No caso de δὲ percebe-se que a palavra exerce a função de *conjunção*, sendo que ela "marca adição extra de uma oração, seja em oposição seja como continuação, à que a procedeu" (William D. MOUNCE, **Léxico Analítico do Novo Testamento Grego**, p. 164). É interessante saber que a palavra δέ é sempre "pós-posicionada", ou seja, "nunca aparece como primeira palavra de uma sentença" (Cláudio Vianney MALZONI, **25 lições de iniciação ao grego do Novo Testamento**, p. 31).

³¹ Na língua grega, o nome próprio encontra-se, diferentemente do português, acompanhado do artigo definido.

	δὲ	Conjunção coordenativa		"pois"
	γεγραμμένον	Verbo irregular (γράφω): Particípio Perfeito Passivo Nominativo Singular Neutro	Predicado	"escrito"
v. 19d	Ἰησοῦς	Nome = Substantivo Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"Jesus"
	ὁ	Artigo definido: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"o"
	Ναζωραῖος	Nome = Substantivo Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"nazareno"
	ὁ	Artigo definido: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"o"
	βασιλεὺς	Substantivo: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"rei"
	τῶν	Artigo definido: Genitivo Plural Masculino	Sujeito (complemento nominal)	"dos"
	Ἰουδαίων	Substantivo: Genitivo Plural Masculino	Sujeito (complemento nominal)	"judeus"
v. 20a	τοῦτον	Pronome demonstrativo: Acusativo Singular Neutro	Predicado	"este", "esse"
	οὖν	Conjunção coordenativa: marca-se a retomada do discurso		não traduzida
	τὸν	Artigo definido: Acusativo Singular Masculino	Predicado	"o"
	τίτλον	Substantivo: Acusativo Singular Masculino	Predicado	"letrero", "sobrescrito", "placa"
	πολλοὶ	Adjetivo: Nominativo Plural Masculino (πολύς, πολλή, πολύ)	Sujeito	"muitos"
	ἀνέγνωσαν	Verbo irregular: Aoristo Indicativo Ativo Terceira Pessoa do Plural (ἀναγινώσκω)	Predicado	"leram"
	τῶν	Artigo definido: Genitivo Plural Masculino	Sujeito (complemento nominal)	"dos"

	Ἰουδαίων	Substantivo: Genitivo Plural Masculino	Sujeito (complemento nominal)	"judeus"
v. 20b	ὅτι	Conjunção explicativa		"porque" "visto que"
	ἐγγὺς	Advérbio (invariável)	Predicado	"próximo"
	ἦν	Verbo irregular (εἰμί): Imperfeito Indicativo Ativo Terceira Pessoa do Singular	Predicado	"era" "estava" "ficava"
	ὁ	Artigo definido: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"o"
	τόπος	Substantivo: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"lugar"
	τῆς	Artigo definido: Genitivo Singular Feminino	Predicado	"da"
	πόλεως	Substantivo: Genitivo Singular Feminino (ἡ πόλις)	Predicado	"cidade"
v. 20c	ὅπου	Pronome correlativo	Predicado	"onde"
	ἐσταυρώθη	Verbo (σταυρόω): Aoristo Indicativo Passivo Terceira Pessoa do Singular	Predicado	"(foi) fora crucificado" ³²
	ὁ	Artigo definido: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"o"
	Ἰησοῦς	Nome = Substantivo Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"Jesus"
v. 20d	καὶ	Conjunção coordenativa		"e"
	ἦν	Verbo irregular (εἰμί): Imperfeito Indicativo Ativo Terceira Pessoa do Singular	Sujeito-Predicado	"era" "estava" "ficava"
	γεγραμμένον	Verbo irregular (γράφω): Particípio Perfeito Passivo Nominativo Singular Neutro	Predicado	"escrito"
	Ἑβραϊστί,	Advérbio (invariável)	Predicado	"em hebraico"

³² Em português, o contexto da frase propõe em vista da compreensão da dimensão temporal do verbo que o Aoristo aqui presente seja interpretado como Mais-que-Perfeito, uma vez que este tempo verbal indica, na língua portuguesa, um passado mais longínquo. No caso, pois, a crucificação de Jesus aconteceu anteriormente à fixação do letreiro e do processo de leitura por parte dos transeuntes.

	Ῥωμαῖστί	Advérbio (invariável)	Predicado	"em latim"
	Ἑλληνιστί	Advérbio (invariável)	Predicado	"em grego"
v. 21a	ἔλεγον	Verbo irregular (λέγω): Imperfeito Indicativo Ativo Terceira Pessoa do Plural	Predicado	"diziam"
	οὐν	Conjunção coordenativa		não traduzida
	τῷ	Artigo definido: Dativo Singular Masculino	Predicado	"a(o)"
	Πιλάτω	Nome = Substantivo: Dativo Singular Masculino	Predicado	"Pilatos"
	οἱ	Artigo definido: Nominativo Plural Masculino	Sujeito	"os"
	ἀρχιερεῖς	Substantivo (ὁ ἀρχιερεύς): Nominativo Plural Masculino	Sujeito	"sumos sacerdotes"
	τῶν	Artigo definido: Genitivo Plural Masculino	Sujeito (complemento nominal)	"dos"
	Ἰουδαίων	Substantivo: Genitivo Plural Masculino	Sujeito (complemento nominal)	"judeus"
v. 21b	μὴ	Partícula negativa	Predicado	"não"
	γράφε	Verbo irregular (γράφω): Imperativo Presente Ativo Singular	Predicado (com sujeito oculto)	"escreve" ³³
v. 21c	ὁ	Artigo definido: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"o"
	βασιλεὺς	Substantivo: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"rei"
	τῶν	Artigo definido: Genitivo Plural Masculino	Sujeito (complemento nominal)	"dos"
	Ἰουδαίων	Substantivo: Genitivo Plural Masculino	Sujeito (complemento nominal)	"judeus"
v. 21d	ἀλλ'	Conjunção adversativa		"mas"
	ὅτι	Pronome relativo	Predicado	"que"

³³ Em grego, o imperativo pode ser negado. Na língua portuguesa, por sua vez, não existe esse recurso gramatical. Por isso, se emprega na tradução de Jo 19,21b o subjuntivo: "Não escrevas!".

	ἐκεῖνος	Pronome demonstrativo: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"aquele"
	εἶπεν	Verbo irregular (λέγω): Aoristo Indicativo Ativo Terceira Pessoa do Plural	Predicado	"disse"
v. 21e	βασιλεύς	Substantivo: Nominativo Singular Masculino	Sujeito- Predicado	"rei"
	εἰμι	Verbo irregular (εἰμί): Presente Indicativo Ativo Primeira Pessoa do Singular	Sujeito	"sou"
	τῶν	Artigo definido: Genitivo Plural Masculino	Sujeito- Predicado (complemento nominal)	"dos"
	Ἰουδαίων	Substantivo: Genitivo Plural Masculino	Sujeito- Predicado (complemento nominal)	"judeus"
v. 22a	ἀπεκρίθη	Verbo (ἀποκρίνομαι) ³⁴ : Aoristo Indicativo Passivo Terceira Pessoa do Singular	Predicado	"respondeu"
	ὁ	Artigo definido: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"o"
	Πιλάτος	Nome = Substantivo: Nominativo Singular Masculino	Sujeito	"Pilatos"
v. 22b	ὃ	Pronome relativo: Acusativo Singular Neutro	Predicado	"o que"
	γέγραφα	Verbo irregular (γράφω): Perfeito Indicativo Ativo Primeira Pessoa do Singular	Predicado	"escrevi"
	γέγραφα	Verbo irregular (γράφω): Perfeito Indicativo Ativo Primeira Pessoa do Singular	Predicado (com sujeito oculto)	"escrevi"

³⁴ O verbo faz parte dos *deponentia*: são verbos sem forma na voz ativa, sendo que o verbo na voz média ou passiva tem significado ativo.

1.5 Delimitação

Na *Introdução* do presente estudo – ver o item *Contexto literário da micronarrativa a ser estudada* –, já foi apresentada a proposta de a narrativa sobre a paixão e morte de Jesus em Jo 18-19 ser composta por vinte e uma cenas, seguindo-se a análise do texto bíblico realizada por Beutler.³⁵ Neste momento, por sua vez, é preciso investigar se o que se ouve ou lê em Jo 19,19-22 realmente forma uma cena delimitada, ou seja, com início e fim identificáveis, a qual, dentro da macronarrativa, ganha certa autonomia.

O primeiro sinal para o *início* de uma *nova cena* em Jo 19,19 é a volta do *personagem Pilatos* à macronarrativa sobre a paixão e morte de Jesus (Jo 18-19). Antes disso, o nome de "Pilatos" se encontra mencionado, pela última vez, em Jo 19,15c, sendo que, em Jo 19,15d se ouve ou lê a pergunta que, como discurso direto, pertence ao governador romano: "Crucificarei vosso rei?". Depois da resposta dada pelos sumos sacerdotes – Jo 19,15e-f: "Os sumos sacerdotes responderam: 'Não temos rei senão César!'" –, o Evangelho narra ainda uma ação de Pilatos, porém, sem mencionar, de forma expressa, o nome dele. Todavia, Pilatos é o sujeito oculto do primeiro verbo em Jo 19,16a: "Então o entregou a eles para que fosse crucificado".

Nos próximos versículos, por sua vez, se ouve ou lê outra cena em Jo 19,16c-18, Pilatos não ganha mais uma presença direta. Pelo contrário, ocorre uma *mudança de local* e um *reagrupamento dos personagens* participantes da narrativa. O olhar do ouvinte-leitor não se dirige mais ao "pretório" (Jo 18,28) – lugar onde Jesus, diante de Pilatos, foi acusado pelos "judeus" (Jo 18,31.38; 19,7.12.14), pelos "sumos sacerdotes" (Jo 19,6.15) e pelos "guardas" (Jo 19,6) –, mas, ocorrendo uma *mudança de local*, o olhar do ouvinte-leitor se dirige agora ao *lugar* onde Jesus fora crucificado. "Tomado", pois, pelos soldados romanos (Jo 19,16c), Jesus, "carregando ele mesmo a cruz, sai ao lugar chamado Crânio, que se diz, em hebraico, Golgota" (Jo 19,17). Com isso, outras *personagens* entram em cena. Embora não sejam expressamente mencionados, os soldados romanos são o sujeito oculto nos verbos de ação. Eles, pois, "tomaram Jesus" (Jo 19,16c) e "o crucificaram" (Jo 19,18a). Além dos soldados romanos, entram ainda "outros dois" (Jo 19,18b) em cena, sendo que estes foram crucificados junto a Jesus.

³⁵ Cf. Johannes BEUTLER, *Evangelho segundo João*, p. 405-406.

Junto à *mudança de lugar* e ao *reagrupamento dos personagens*, ocorre também um pequeno *avanço cronológico*. A última frase na cena que ainda ganha presença no pretório (Jo 19,13-16b), se inicia, pois, com o advérbio que bem pode ser traduzido como "então" ou "naquele momento" (Jo 19,16a: τότε). Tal expressão traz certa *conotação temporal* consigo, marcando um *avanço cronológico*. Isso vale também para a primeira frase da cena seguinte em Jo 19,16c-18. A segunda palavra de tal frase é a conjunção que também pode ser traduzido como "então" (Jo 19,16c: οὖν) e que, igualmente, traz certa *noção de tempo* consigo, no sentido de marcar, outra vez, um *avanço cronológico*.

Diante disso, o *início da próxima cena* em Jo 19,19-22, a micronarrativa estudada nesta Dissertação, causa certa surpresa. Após ter ficado ausente na cena anterior em Jo 19,16c-18, o *personagem* "Pilatos" (v. 19a) está de volta ao cenário. Com isso, o ouvinte-leitor há de lembrar-se do *local* do pretório, imaginando a presença do governador romano ainda em tal lugar. No entanto, ali somente ocorre a decisão de "Pilatos escrever o leiteiro" (v. 19a). Logo em seguida, o olhar do ouvinte-leitor se dirige novamente ao lugar em que Jesus é crucificado. No entanto, ocorre um *zoom*. Por um momento, não está sendo focado todo o local de "Gólgota" (Jo 19,17), "lugar próximo à cidade" (v. 20b), mas, de forma específica, o espaço "sobre a cruz" (v. 19b), onde Pilatos mandou "fixar" (v. 19b) aquele "leiteiro" (v. 19a).

Além da *volta do personagem* Pilatos, do *enfoque* de um *local específico* – v. 19b: "sobre a cruz" –, onde se encontra um *objeto* específico agora mencionado pela primeira vez – v. 19a: "leiteiro" –, também ocorre outro pequeno *avanço cronológico*. Afinal, as duas conjunções traduzidas aqui como "pois" (v. 19a: δὲ) e "e" (v. 19a: καὶ) indicam uma *sequência de acontecimentos* e, com isso, a impressão de um *avanço no tempo*. Com a presença desses três elementos em v. 19a-b – a volta de determinado *personagem*, a indicação de *lugar* específico e certo *avanço cronológico* –, o início da *nova cena* em Jo 19,19-22 encontra-se bem delimitado.

O que, por sua vez, caracteriza tal cena no seu decorrer e como ocorre a delimitação do final dela? A análise estilístico-narrativa a seguir irá descrever a coerência interna da cena em Jo 19,19-22. Por isso, são descritos aqui apenas os elementos que favorecem a delimitação da cena no final.

A presença marcante de Pilatos, a qual caracteriza toda a cena aqui estudada, encerra -se com o que é narrado em v. 22. Ao total, pois, há três menções do nome de "Pilatos" (v. 19a.21a.22a). No mais, Pilatos é o sujeito atuante quando os seguintes verbos indicam as ações deles: "escreveu" (v. 19a), "fixou" (v. 19b), "respondeu" (v. 22a) e, por duas vezes, "escrevi" (v. 22b). Além disso, os "sumos sacerdotes" dirigem a Pilatos a crítica ao que estava escrito no leiteiro (v. 21b-e). Mais ainda, é de Pilatos o marcante discurso direto que encerra a pequena controvérsia: "O que escrevi, escrevi" (v. 22b).

Aliás, esse discurso direto em v. 22b é o último de Pilatos no Evangelho segundo João, sendo que, nas próximas três cenas sobre a repartição das vestes de Jesus (Jo 19,23-24), as convivências junto à cruz (Jo 19,25-27) e a morte de Jesus na cruz (Jo 19,28-30), o governador romano não tem nenhuma participação direta da narrativa. Depois disso, nas últimas duas cenas que compõem a macronarrativa sobre a paixão e morte de Jesus no Evangelho segundo João, o nome de "Pilatos" é mencionado ainda três vezes pelo narrador (Jo 19,31.38^{2x}). Ora recebe o pedido dos soldados romanos a respeito de as pernas dos crucificados serem quebrados (Jo 19,31), ora o pedido de José de Arimateia de retirar o corpo de Jesus da cruz, sendo que Pilatos o permite (Jo 19,38).

Todavia, é a palavra direta de Pilatos que, em forma de um dito marcante, encerra e, assim, delimita a cena aqui estudada: "O que escrevi, escrevi!" (v. 22b). Assim sendo, na base da presença do verbo "escrever" ocorre uma inclusão que moldura a cena. A primeira palavra da micronarrativa, pois, é "escreveu" (v. 19a: ἔγραψεν), sendo que as últimas duas palavras da cena são "escrevi, escrevi" (v. 22b: γέγραφα, γέγραφα). Tal moldura também ajuda a reconhecer como unidade literária bem delimitado o que se ouve ou lê em Jo 19,19-22.

1.6 Análise narrativa

Em princípio, cinco elementos se tornam constitutivos para uma narrativa: *personagens*, *referências cronológicas*, *referências geográficas*, uma *trama* ou um *enredo* e a *voz do narrador*, sendo que esta última se altera com os *discursos diretos* atribuídos às

personagens participantes da narrativa.³⁶ Todos esses elementos constitutivos de uma narrativa podem ser conferidos em Jo 19,19-22.

1.6.1 Personagens

Eis as *personagens* que participam da micronarrativa em Jo 19,19-22: "Pilatos" (v. 19a.21a.22a), "Jesus" (v. 19d.20b) – sendo que este também é apresentado como "nazareno" (v. 19d) e "rei" (v. 19d.21c.d) –, os "judeus" (v. 19d.20a.21a.c.e) e os "sumos sacerdotes" (v. 21a).

Surge com isso uma oposição entre *Jesus* e as demais personagens, que são os *adversários* dele. De forma direta, o primeiro está seis vezes presente: duas vezes Jesus aparece por meio do nome dele (v. 19d.20b), uma vez é mencionada sua origem geográfica por ele ser chamado de *nazareno* (v. 19d) e três vezes a narrativa se refere a ele como *rei* (v. 19d.21c.d). Imaginando que o número sete sirva como *recurso estilístico* capaz de indicar que algo se completa, as seis presenças de *Jesus* talvez queiram ilustrar certa incompletude ou limitação da atuação dele até este momento.

Os *opositores de Jesus*, por sua vez, são vários. Eles aparecem nove vezes, algo que talvez queira sublinhar a presença maciça/ou dominante deles. Assim, o nome de *Pilatos* é mencionado três vezes (v. 19a.21a.22a), uma vez a mais do que o nome de Jesus (v. 19d.20b). Surpreendentemente, os *judeus*, com cinco menções, ganham ainda duas menções a mais do que Pilatos (v. 19d.20a.21a.c.e), além de também os *sumos sacerdotes*, que igualmente são judeus, marcarem uma presença (v. 21a). A menção quádrupla dos *judeus* talvez sirva como uma referência aos cinco livros da Torá ou do Pentateuco. Juntando os *sumos sacerdotes*, se chega a seis presenças de *opositores concidadãos* de Jesus, igualando assim as seis presenças do judeu acusado por eles, sendo que o número *seis*, possivelmente, represente o ser humano, criado por Deus no sexto dia (Gn 1,26-31). Aliás, com isso as personagens judias participantes da narrativa estão presentes doze vezes, o que pode ser interpretado como uma referência à Israel. Em contrapartida, a personagem *Pilatos*, com suas três presenças, ganha, como *opositor*

³⁶ Confira as seguintes duas obras introdutórias no que se refere à *análise narrativa*: Daniel MARGUERAT; Yvan BOURQUIN, **Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa**; Jaldemir VITÓRIO, **Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método**.

não judeu de Jesus, exatamente a metade do espaço ocupado pelos *opositores judeus* de Jesus.

Enfim, somando as seis presenças de *Jesus*, as seis presenças dos *opositores judeus* dele e as três presenças de seu *adversário não judeu*, chega-se a quinze presenças diretas das *personagens* envolvidas na micronarrativa de Jo 19,19-22. Portanto, observa-se que o texto aqui estudado concentra a atenção do ouvinte-leitor, de forma multiplicada, nas personagens, favorecendo o cultivo de simpatias e antipatias. Dessa forma, o ouvinte-leitor participa mais ativamente do que está sendo narrado.

1.6.2 Notícias cronológicas

Outro elemento constitutivo para uma narrativa se encontra nas *notícias cronológicas*. Diretamente, não se observa nenhuma menção de um momento exato na história em Jo 19,19-22. No entanto, de forma indireta, ocorrem *notícias cronológicas* na micronarrativa, sendo que essas trazem presente o *contexto histórico* do mundo narrado.

Nesse sentido, é importante valorizar as *dimensões temporais* dos verbos. São exatamente seis verbos conjugados no tempo do *aoristo*: confira os vocábulos aqui traduzidos como "escreveu" (v. 19a), "fixou" (v. 19b), "leram" (v. 20a), "fora crucificado" (v. 20b), "disse" (v. 21d) e "respondeu" (v. 22a). O *aoristo* indica uma ação concluída no passado. Onde, por sua vez, contemplando o contexto da micronarrativa em Jo 19,19-22, está a referência cronológica para tais verbos? A notícia cronológica mais próxima encontra-se, por duas vezes, em Jo 19,14.31, quando o Quarto Evangelho marca o dia da crucificação de Jesus, o qual coincidiu com o dia da "preparação da páscoa" judaica. Mais ainda, aquele dia caía numa sexta-feira, dia anterior ao "sábado" Jo 19,31), sendo que aquele "sábado" era "o grande dia" (Jo 19,31), ou seja, o primeiro dia da páscoa judaica. Marca-se até a hora exata: era "a sexta hora" (Jo 19,14). Quer dizer: a fixação do leiteiro de Pilatos e a controvérsia com os sumos sacerdotes judeus ocorreram a partir daquele momento bastante bem definido. Os verbos no tempo do *aoristo*, dentro do contexto narrativo do Evangelho segundo João, referem-se a esse contexto histórico exatamente definido e servem, portanto, como *referência cronológica*.

Além do *tempo do aoristo*, outros tempos que se referem ao *passado* estão presentes. Três verbos são conjugados no *tempo do imperfeito*. São traduzidos aqui como "estava" (v. 19c.20c) e "diziam" (v. 21a). O *imperfeito* indica uma *ação repetida no passado*, sem que se definisse o término e/ou a conclusão de tal ação. Outros dois verbos são apresentados no *tempo do perfeito*. Aliás, se trata do mesmo verbo, sendo que este, no final da micronarrativa, é repetido e traduzido aqui como "escrevi" (v. 22b^{2x}). Em grego, o *tempo do perfeito* indica uma ação pertencente ao *passado próximo*, sendo que tal passado se estende até o momento atual. Compreende-se, portanto, no v. 22b que Pilatos quer dizer: "o que escrevi (agora) escrevi".³⁷ Todavia, também os verbos no tempo do perfeito e no tempo do imperfeito, em princípio, guardam a referência cronológica já válida para os verbos no *tempo do aoristo*. É o dia da crucificação de Jesus.

Indiretamente, ainda existe uma segunda *notícia cronológica* em Jo 19,19-22. A micronarrativa, pois, menciona três vezes o governador romano *Pilatos*. Sabe-se a partir dos textos neotestamentários, a partir de outros dois textos extrabíblicos pertencentes ao século I d.C. e a partir de duas inscrições numa pedra e num anel, igualmente do século I d.C., que este, como prefeito nomeado pelo imperador romano Tibério, governou a província romana da Judeia do ano 26 ao ano 36 d.C. Mais tarde, no segundo capítulo desta Dissertação, um estudo histórico trará um conhecimento mais exato das fontes históricas que versam sobre Pilatos. Neste momento, somente é importante perceber que o nome de *Pilatos* também representa uma *notícia cronológica* ao se narrar o que se ouve ou lê em Jo 19,19-22.

Além disso, também de forma indireta, surge ainda outra referência cronológica em Jo 19,19-22. Ao ser apresentada "a cruz" (v. 19b) e se dizer que "fora crucificado" (v. 20b), salienta o dia da crucificação de Jesus. Conforme o Evangelho segundo João, o ouvinte-leitor imagina com isso o tempo "antes da festa da páscoa" judaica (Jo 13,1), em que se "compra o que é preciso para a festa" (Jo 13,29), em que se evita qualquer "contaminação" que pudesse causar "um impedimento de comer a páscoa" (Jo 18,28) e em que existe "o costume" entre os judeus de o governador romano "soltar alguém por

³⁷ Em português, o tempo do aoristo e o tempo do perfeito hão de ser traduzidos com o tempo do pretérito perfeito. Não é possível diferenciá-los, pois não existem os mesmos recursos gramaticais com os quais o grego trabalha.

ocasião da Páscoa" (Jo 18,39). Ou seja, era "o dia da preparação da Páscoa" (Jo 19,14), sendo que Jesus foi crucificado logo após a sua condenação na "hora sexta" (Jo 19,14), que se completa ao meio-dia. Conforme o Evangelho segundo João, a morte de Jesus se deu naquele dia de "preparação" da Páscoa, cujo primeiro, ou seja, "grande dia" iria cair, naquele ano, num "sábado" (Jo 19,31). Percebe-se assim que as menções da "cruz" e da "crucificação" de Jesus (v. 19b.20b) se tornam, de forma indireta, referências cronológicas, justamente pelo que é narrado no contexto literário imediato da micronarrativa aqui estudada.³⁸

³⁸ Parte-se aqui da seguinte compreensão cronológica em relação ao *dia da crucificação de Jesus*: para o Evangelho segundo João, a condenação de Jesus à morte por Pilatos ocorre, "por volta da sexta hora" (Jo 19,14), no dia da "preparação da Páscoa (παρασκευὴ τοῦ πάσχα)" (Jo 19,14), com a morte de Jesus na cruz e o sepultamento dele naquele mesmo dia (ver Jo 19,30-31). Tal momento ganha "um sentido simbólico: é o tempo final para afastar todo fermento das casas judaicas e o momento em que se começa a imolação dos cordeiros pascais no recinto do templo", sendo que as menções do dia da "preparação" (Jo 19,14.31), por guardarem o "simbolismo do cordeiro pascal na cristologia joanina (Jo 1,29.36)", ganham "um sentido simbólico" (Johannes BEUTLER, **Evangelho segundo João**, p. 432). Mais ainda, "é preciso supor, para a cronologia joanina, que a Páscoa judaica daquele ano tinha caído no sábado" (Cláudio Vianney MALZONI, **Evangelho segundo João**, p. 279). Quer dizer, a notícia de que "aquele sábado era um grande dia" (Jo 19,31), "provavelmente, signifique que se tratava da coincidência, naquele ano, do sábado e da Páscoa" (Cláudio Vianney MALZONI, **Evangelho segundo João**, p. 292). Com isso, "quando Jesus estava comendo, na quinta-feira à noite, ficou claro que a festa ainda não chegara (Jo 13,19) e, em Jo 19,14.31, há confirmação de que só o dia seguinte (noite de sexta-feira/sábado) seria a Páscoa" (Raymond E. BROWN, **A morte do Messias**, Vol. I, p. 894). Resumindo: também conforme o Evangelho segundo João, Jesus morre numa sexta-feira, sendo que, logo após a sua morte, com o pôr do sol, se iniciava, naquele ano, a festa de Páscoa e o sábado. Consequentemente, para o Evangelho segundo João, a "ceia" (Jo 13,2) com o lava-pés dos discípulos não coincidiu com o momento da ceia "pascoal" (Mc 14,12.14) na "noite" (Mc 14,17) e, com isso, com o início do primeiro dia da Páscoa judaica, mas "a refeição pascal que 'os judeus' comeriam foi substituída em seu significado redentor" (Raymond E. BROWN, **A morte do Messias**, Vol. I, p. 895). Ou seja, no caso da "ceia realizada por Jesus" no Evangelho segundo João, "não se trata de uma celebração Pascal, apesar de possuir traços da mesma" (Gilvan Leite de ARAÚJO, **Páscoa ou páscoas judaicas?**, p. 95). Para os Evangelhos sinóticos, por sua vez, a morte de Jesus ocorreu no primeiro dia da Páscoa judaica, a qual, naquele ano, teria caído então na sexta-feira. Além disso, conforme os primeiros três Evangelhos, a última ceia celebrada por Jesus e pelos discípulos dele ganha um proximidade bem maior à "Páscoa" (πάσχα) judaica (Mc 14,12; Mt 26,17-18; Lc 22,15).

Existem, no entanto, outras propostas em relação à interpretação das *notícias cronológicas* referentes ao dia da morte de Jesus no Evangelho segundo João, buscando-se, sobretudo, uma maior harmonização com as notícias cronológicas presentes nos Evangelhos sinóticos. Nesse sentido, diante do que se ouve ou lê em Jo 13,1.29; 18,28; 19,14.31.36.42, imagina-se que o "evangelho de João, interpretado de forma correta, não contradiz a cronologia" indicada pelos Evangelhos sinóticos (Donald Arthur CARSON, **O Comentário de João**, p. 457). Sirva como exemplo um olhar para o detalhe narrado em Jo 13,29, quando os comensais, durante a ceia, imaginam que Jesus teria enviado Judas para ainda "comprar algo necessário para a festa".

1.6.3 Referências geográficas

Outro elemento constitutivo de uma narrativa é a menção de determinados espaços físicos. Nesse sentido, Jo 19,19-22 dá expressamente destaque ao "lugar perto da cidade, onde Jesus foi crucificado" (v. 20b). Pelo que é narrado no contexto literário que antecede a micronarrativa, o ouvinte-leitor do Quarto Evangelho sabe que a cidade em questão é "Jerusalém" (Jo 12,12) e que a crucificação de Jesus ocorreu no "lugar da caveira, em hebraico chamado Gólgota" (Jo 19,17). Também a menção dos "sumos sacerdotes" (v. 21a) provoca uma referência indireta a Jerusalém, uma vez que eles se encontram vinculados ao Templo situado nessa cidade.

Aliás, conforme o que é narrado logo após a micronarrativa aqui estudada, também "havia um jardim no lugar onde Jesus foi crucificado", sendo que, "no jardim, havia um sepulcro novo" (Jo 19,41). Por causa da "proximidade" de tal "sepulcro", José de Arimateia e Nicodemos sepultaram Jesus naquele jardim ainda no dia da crucificação, que foi o dia da "Preparação" (Jo 19,42), perfumando o corpo de Jesus com uma quantidade maior de aromas significativos.³⁹

Enfim, em Jo 19,17-20,18, ou seja, em todas as cenas pertencentes a esses quarenta e quatro versículos, Jesus se encontra nesse mesmo *lugar*: ora como quem é crucificado e morre na cruz, ora como quem é sepultado, ora como quem ressuscita dos mortos, sendo que, depois, em tal lugar permanece apenas o simbólico "sudário, que estava sobre o rosto de Jesus" (Jo 20,7), objeto que levou o discípulo amado a "crer" (Jo 20,8).⁴⁰ Portanto, pode se dizer que o "lugar perto da cidade" (v. 20b: ὁ τόπος τῆς πόλεως) mencionado na micronarrativa de Jo 19,19-22, por ser de maior importância teológica,

Pressupondo que, também no Evangelho segundo João, o contexto seja o da ceia pascal dos judeus, "compras naquela quinta-feira à noite eram, muito provavelmente, possíveis, embora inconvenientes", sabendo que existe uma discussão sobre tal questão na *Mishná* (Donald Arthur CARSON, **O Comentário de João**, p. 475).

Todavia, no contexto da *análise narrativa* referente a Jo 19,19-22, afirma-se aqui apenas que a "cruz" (v. 19b), de forma indireta, traz uma *notícia cronológica* consigo, sendo que ela indica a *sexta-feira da morte de Jesus*, tenha tal sexta-feira sido o primeiro dia da Páscoa judaica, seguindo-se os Evangelhos sinóticos, ou o dia da preparação da Páscoa judaica, acolhendo-se a ideia que o Evangelho segundo João, aparentemente, favorece.

³⁹ Cf. Matthias GRENZER; Francisca Antonia de Farias GRENZER, **Especiarias aromáticas no sepultamento de Jesus (João 19,39-40)**.

⁴⁰ Cf. Matthias GRENZER; Francisca Antonia de Farias GRENZER, **O véu de Moisés e o sudário de Jesus (Ex 34,33-35; Jo 20,7)**.

justamente por identificar, representar e fixar, de maneira geográfica, o mistério salvífico presente na pessoa de Jesus de Nazaré.

No entanto, a presença de "Pilatos" (v. 19a.21a.22a) leva o ouvinte-leitor de Jo 19,19-22, de forma repetida, a pensar no "pretório" (Jo 18,28^{2x}.33; 19,9), seja na parte interior dele, seja na praça em frente à entrada dele, especialmente no "lugar chamado Pavimento (Λιθόστρωτον) e, em hebraico, Gabatá" (Γαββαθα), onde Pilatos "se sentou no tribunal" para condenar Jesus à morte (Jo 19,13). Ou seja, segundo o contexto narrativo, Pilatos pertence ao *pretório*. Nada indica que Pilatos tivesse acompanhado Jesus no caminho rumo ao "lugar chamado Calvário, em hebraico Gólgota" (Jo 19,17). Enfim, por mais que a cena em Jo 19,19-22 fale expressamente desse último "lugar perto da cidade" (v. 20b), "onde Jesus foi crucificado" (v. 20c), sendo que o *letreiro* fixado sobre a cruz proporciona visibilidade nesse *contexto geográfico*, a tripla menção de Pilatos e o relato sobre a discussão entre o governador romano e os sumos sacerdotes (v. 21-22), de forma indireta, remetem a atenção do ouvinte-leitor também ao espaço geográfico do *pretório*. Nesse sentido, o *letreiro* parece unir o *calvário* ao *pretório*.

O *letreiro*, por sua vez, mantém o olhar do ouvinte-leitor, de uma maneira específica, em um espaço bem mais limitado e, com isso, determinado. Narra-se, pois, em relação ao "letreiro escrito por Pilatos" (v. 19a) que este o "fixou sobre a cruz" (v. 19b: ἔθηκεν ἐπὶ τοῦ σταυροῦ). Ou seja, a preposição aqui traduzida como "sobre" relaciona o *letreiro* com a *cruz*, indicando assim um espaço ou lugar específico. Com isso, estreita-se o ângulo de visão do ouvinte-leitor. Após ter enxergado "o lugar da caveira, em hebraico chamado Gólgota" (Jo 19,17) e ter olhado para os três crucificados, com "Jesus no meio" de outros dois (Jo 19,18), o ouvinte-leitor é convidado agora a focar no "letreiro" (v. 19a). A intenção é que leia o que nele estava escrito.

No entanto, com a expressão "sobre a cruz" (v. 19b), o Evangelho segundo João não determina exatamente a posição do *letreiro*. Talvez o Quarto Evangelho pressuponha a notícia que se ouve ou lê no Evangelho segundo Mateus: o *letreiro* "foi fixado acima da cabeça (ἐπάνω τῆς κεφαλῆς) de" Jesus (Mt 27,37). Seja lembrado também que o Evangelho segundo Marcos fala de uma "epígrafe sobrescrita (ἡ ἐπιγραφή ... ἐπιγεγραμμένη)" (Mc 15,26) e que, no Evangelho segundo Lucas, se ouve ou lê: "Havia, pois, uma epígrafe sobre" ou "acima dele (ἐπ' αὐτῷ)" (Lc 23,38).

Enfim, o Evangelho segundo Lucas usa com ἐπὶ, preposição a ser compreendida como "sobre" ou "acima de", a mesma preposição que o Evangelho segundo João emprega, algo que também pode ser observado no Evangelho segundo Marcos, ao se ler o verbo/particípio prefixado com por justamente essa preposição, traduzido aqui como "sobrescrito" (ἐπιγεγραμμένη). No entanto, nos Evangelhos segundo Lucas e Marcos, a preposição "sobre" ou "acima de" (ἐπὶ) ganha como referência a pessoa de Jesus. No Evangelho segundo João, por sua vez, o letreiro se encontra "sobre a cruz (ἐπὶ τοῦ σταυροῦ)" (v. 19b). Diferentemente dos outros três Evangelhos, o Evangelho segundo Mateus usa a preposição ἐπάνω. Também essa preposição tem a carga semântica de "sobre" ou "acima de". No entanto, como visto acima, a referência é agora "a cabeça de" Jesus (Mt 27,37). Com isso, no primeiro Evangelho, o local da fixação do letreiro de Pilatos se encontra definido de forma mais exata, algo que o Quarto Evangelho talvez pressuponha como tradição. Aliás, percebe-se que a iconografia, posteriormente, sempre apresenta o *letreiro* de Pilatos "acima da cabeça de Jesus" (Mt 27,37).⁴¹

O que, por sua vez, se lê no *letreiro de Pilatos*, acolhendo-se a narrativa conforme o Evangelho segundo João, leva o ouvinte-leitor ao encontro de mais um *lugar*. Aparentemente, Jesus é apresentado como "nazareno", no sentido de "habitante de Nazaré". Com isso, se forma um contraste entre Nazaré (v. 19d), um vilarejo e lugar pouco expressivo na Galileia, e "o lugar perto da cidade" de Jerusalém (v. 20b), onde Jesus foi crucificado. Existe, no entanto, também a possibilidade de entender o vocábulo grego em questão como "o nazireu" (v. 19d: ὁ Ναζωραῖος). Nesse caso, não se teria mais uma referência geográfica. No segundo capítulo dessa Dissertação, a pesquisa a

⁴¹ Não é possível definir mais exatamente o motivo de o Quarto Evangelho formular "sobre a cruz" (ἐπὶ τοῦ σταυροῦ), quando, no v. 19b, é descrita a posição do letreiro. A "cabeça" (κεφαλή) de Jesus aparece quatro vezes em João: quando se visa à "coroa de espinhos" (Jo 19,2) e ao "sudário sobre a cabeça dele" (Jo 20,7), quando é dito que Jesus "inclinou sua cabeça ao entregar o espírito" (Jo 19,30) e quando, no sepulcro vazio, "um dos dois anjos está sentado, onde estava a cabeça de Jesus" (Jo 20,12). O vocábulo "cruz" (σταυρός) também aparece somente quatro vezes no Quarto Evangelho: narra-se que Jesus "carregou a cruz" (Jo 19,17), que Pilatos "fixou o letreiro sobre a cruz" (Jo 19,19a-b), que "a mãe de Jesus, a irmã de sua mãe, Maria de Clopas e Maria Madalena, juntas ao discípulo que Jesus amava, permaneceram junto à cruz" (Jo 19,25-26) e que os judeus solicitaram a Pilatos que, "no sábado, os corpos" dos crucificados "não ficassem sobre a cruz (ἐπὶ τοῦ σταυροῦ)" (Jo 19,31). Todavia, embora significativos, os poucos paralelismos não parecem indicar uma intenção específica para a expressão "sobre a cruz" no v. 19b.

respeito da carga semântica da segunda expressão no letreiro de Pilatos conforme o Evangelho segundo João será retomada.

Ao imaginar que também a quántupla menção do povo dos "judeus" (v. 19d.20a.21a.c.e) traz consigo uma conotação geográfica, pensando-se justamente na região e nas terras nas quais esses, em princípio, se encontram, o ouvinte-leitor da micronarrativa em Jo 19,19-22 irá pensar em Israel, na Galileia e na Judeia, em Nazaré e na cidade de Jerusalém. O horizonte geográfico pressuposto pelo texto aqui estudado se torna ainda mais amplo, quando se imagina o mundo em que, em torno do ano 30 no século I d.C., se falam as línguas "hebraico, latim e grego" (v. 20c).

Resumindo: a micronarrativa em Jo 19,19-22 parece brincar, semelhantemente a um fotógrafo, com o *uso da lente*. Ora é dado um *zoom* no "letreiro escrito por Pilatos" (v. 19a-b), o qual se encontrava "sobre a cruz" (v. 19b). Ora a *lente abre* para enxergar "o lugar perto da cidade" (v. 20b), onde Jesus fora crucificado. Ora ainda são narrado elementos que levam o pensamento do ouvinte-leitor ao encontro de Nazaré, na Galileia, lugar de origem do "nazareno" Jesus (v. 19d), ou da região do povo dos "judeus" (v. 19d.20a.21a.c.e), o qual sabia ler algo escrito em "hebraico" (v. 20c), mesmo que, inserido no mundo greco-romano, no qual prevaleciam as línguas "latim e grego" (v. 20c).

1.6.4 Voz de narrador e discursos diretos

Uma narrativa, em geral, se caracteriza pela alternância entre os momentos em que se escuta a *voz do narrador*, o qual não é o autor, mas uma figura criada pelo autor, e os *discursos diretos* atribuídos às personagens participantes da narrativa. Além do mais: muda a linguagem de acordo com quem é escutado ou lido pelo ouvinte-leitor da narrativa.

No caso da micronarrativa em Jo 19,19-22, a *voz do narrador* ocupa nove versetos (cf. v. 19a-c.20a-d.21a.22a). Além disso, se percebe que a voz do narrador se faz presente, sobretudo, no início da cena, quando ocorre a exposição dos acontecimentos em torno do letreiro de Pilatos. Em contrapartida, o ouvinte-leitor presencia também três *discursos diretos*. Primeiramente, o *letreiro de Pilatos* o faz ler ou ouvir algo (v. 19d).

No segundo momento, ouve-se ou lê-se o que dizem os *sumos sacerdotes dos judeus* (v. 21b-e). Finalmente, terminando a micronarrativa em Jo 19,19-22, ouve-se ou lê-se a resposta de *Pilatos* ao discurso dos sumos sacerdotes (v. 22b). Ao total, os discursos diretos ocupam cinco versetos.

O *discurso direto dos sumos sacerdotes* (v. 21b-e) chama a atenção do ouvinte-leitor por trazer dois discursos diretos imbuídos, ou seja, discursos citados por eles e originalmente pertencentes a Pilatos e Jesus. Nesse sentido, ocorre, em primeiro lugar, uma referência ao que "Pilatos escreveu no letreiro" (v. 19a): "Jesus , o nazareno, o rei dos judeus" (v. 19d). Os sumos sacerdotes, em seu discurso direto, acolhem parte dessa inscrição no letreiro, quando "dizem a Pilatos" (v. 21a): "Não escrevas (v. 21b): 'O rei dos judeus' (v. 21c). Com essa citação parcial de um elemento que, na mesma micronarrativa, já tinha aparecido no discurso direto anterior, a micronarrativa ganha maior organicidade e/ou coerência. Os discursos diretos têm vínculo entre si. Além disso, nesse mesmo discurso direto seu, os sumos sacerdotes ainda citam um discurso direto supostamente pronunciado por Jesus. Este último, pois, "teria dito" (v. 21d): 'Sou o rei dos judeus!' (v. 21e). Novamente, aparece a expressão "rei dos judeus" (v. 19d.21c.e), algo que, outra vez, aumenta a coesão entre os discursos diretos. Essa vez, porém, o discurso direto atribuído pelos sumos sacerdotes a Jesus – eles "diziam a Pilatos" (v. 21a) que "aquele" Jesus "disse" (v. 21d) – provoca a dúvida sobre a veracidade da afirmação. Com isso, a última parte do discurso direto dos sumos sacerdotes (v. 21b-e) provoca certo suspense, elemento capaz de aumentar o interesse do ouvinte-leitor pela continuação da micronarrativa. Além disso, os sumo sacerdotes, logo no início de seu discurso direto, por meio do uso de uma forma imperativa dão uma ordem a Pilatos: "Não escrevas!" (v. 21b). Como comentado acima, a forma verbal no texto grego é um imperativo (v. 21b: μή γράφει), sendo que, na língua portuguesa, o imperativo negado precisa ser traduzido pelo emprego do subjuntivo. Todavia, uma ordem, assim como uma pergunta, sempre cria a expectativa por uma resposta e, com isso, beneficia o andamento da narrativa.

Nesse sentido, o discurso direto de Pilatos, formulado como "resposta" (v. 22a) ao discurso direto dos sumos sacerdotes, se caracteriza por sua brevidade e pela repetição do verbo que caracterizou a ordem que os sumos sacerdotes lhes tinham dado. Ou seja,

a ordem "Não escrevas!" (v. 21b) recebe agora a resposta: "O que escrevi, escrevi!" (v. 22b).

Enfim, os três discursos diretos oferecem uma fluência e dinamicidade marcante à macronarrativa em Jo 19,19-22, sobretudo no que se refere à segunda metade dela. Ou seja, o discurso inicial, presente pelas palavras escritas por Pilatos no letreiro (v. 19d), dá origem a uma pequena controvérsia, suscitada do discurso dos sumos sacerdotes (v. 21b-e), o qual acolhe discursos atribuídos a Pilatos (v. 21c) e a Jesus (v. 21e), e da resposta final de Pilatos (v. 22b).

1.6.5 Trama ou enredo

Narrativas apresentam uma *trama* ou um o *enredo*, comumente composto por cinco elementos que formam o assim chamado *quinário*: a *situação inicial* ou a *exposição*, um *nó*, uma *ação transformadora*, um *desenlace* e uma *situação final*.⁴² No caso do pequeno episódio em Jo 19,19-22, alguns desses elementos podem ser conferidos com maior clareza.

A *situação inicial* pode ser verificada no que é narrado em v. 19a-b: "Pilatos escreveu um letreiro e o fixou sobre a cruz". Aqui está uma primeira ação que logo dará origem a um conflito. A presença do *letreiro*, pois, não será algo bem-vindo a todas os que podiam ler o que nele se encontrava escrito.

Não é possível decidir com maior exatidão onde começa o *nó*, elemento que introduz a *complicação* e, com isso, uma *tensão narrativa*. De um lado, o que se ouve ou lê em v. 19c-20d, pode ainda fazer parte da *situação inicial*, a qual expõe os acontecimentos que, posteriormente, darão origem a um conflito: "Estava, pois, escrito: 'Jesus, o nazareno, o rei dos judeus'. Muitos judeus leram esse letreiro, uma vez que o lugar onde Jesus fora crucificado ficava próximo à cidade. E estava escrito em hebraico, latim e grego".

De outro lado, com o que está sendo narrado talvez já se inicie a *tensão narrativa* e/ou a *complicação*. Facilmente, pois, o ouvinte-leitor pode imaginar, a partir do contexto literário do episódio em Jo 19,19-22, que as palavras escritas por Pilatos no letreiro um

⁴² Cf. Daniel MARGUERAT; Yvan BOURQUIN, **Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa**, p. 59.

tom irônico. Afinal, trata-se da apresentação pública de "outro rei além de César" (Jo 19,15), algo que, dentro do contexto histórico pressuposto, se torna uma provocação perigosa. Além disso, a notícia a respeito da presença de "muitos judeus" (v. 20a), e isso num "lugar próximo à cidade" (v. 20b), pode ser compreendido como algo eventualmente complicado, uma vez que a aglomeração de pessoas sempre é capaz de aumentar o perigo de revoltas ou motins. Finalmente, também a presença das três línguas no letreiro (v. 20d) revelam convivências muitas vezes nada pacíficas.⁴³

Com certeza, por sua vez, o elemento do *nó* aparece na micronarrativa com o que é narrado em v. 21a-e: "Os sumos sacerdotes dos judeus, no entanto, diziam a Pilatos: 'Não escrevas: O rei dos judeus, mas que aquele disse: Sou o rei dos judeus!'" Com isso, o governador romano é abertamente contradito pelas autoridades religiosas do povo judeu. Surge uma oposição. O que Pilatos escreveu não está sendo aceito.

Não se observa em Jo 19,19-22 o que, comumente, representa nos *enredos* a *ação transformadora*. Existe, no entanto, o elemento do *desenlace*, o qual se encontra na "resposta de Pilatos" narrada no final da micronarrativa: "O que escrevi, escrevi" (v. 22a-b). Esse último discurso, retoricamente incisivo, nem é mais seguido pela apresentação de uma *situação final*. Ou seja, a micronarrativa em questão não devolve mais a palavra ao narrador, a fim de que este encerrassem o *enredo* com a descrição de um *novo estado*, resultado de uma ação transformadora. O que fica no ouvido ou na mente do ouvinte-leitor é palavra marcante de Pilatos.

Enfim, o episódio em Jo 19,19-22 guarda, como *micronarrativa*, somente alguns dos elementos que, comumente, geram uma *trama* ou um *enredo*. Existem, portanto, *limites narrativos*. Estes, por sua vez, se dissolvem na medida em que se olha para o contexto literário desse episódio, seja na história sobre a paixão e morte de Jesus em Jo 18–19, seja na macronarrativa de todo o Quarto Evangelho. Ali se perceberia que a ação transformadora se encontra, conforme o Evangelho segundo João, na morte de Jesus na cruz, sendo este o momento de sua glorificação, elevação ao Pai e/ou ressurreição, assim como da disponibilização de seu espírito santo para quem nele crê.

⁴³ A questão de como compreender, a notícia de que o texto no letreiro de Pilatos "estava escrito em hebraico, latim e grego" (v. 20d) será abordada em 2.6. Neste momento de *análise narrativa* apenas se investigou até onde tal inscrição possa ser interpretada como geradora do *nó*, elemento constitutivo para a *trama* ou para o *enredo*.

1.7 Elementos estilísticos

Além dos elementos poéticos analisados acima, que compõem o *gênero literário* da *narrativa* – colocação de personagens, notícias geográficas e referências cronológicas, a voz do narrador e os discursos diretos atribuídos às personagens, assim como a trama ou o enredo –, outros elementos estilísticos conferem beleza literária ao que se ouve ou lê em Jo 19,19-22. Em princípio, pois, as narrativas trabalham, como *poesia épica*, com os mesmos elementos estilísticos do que a *poesia lírica*, presente em poemas, cantos e discursos diretos altamente retóricos. Justamente por causa dessa *configuração poética*, os textos bíblicos precisam ser qualificados como *literatura*.

1.7.1 Paralelismos

Diversos tipos de *paralelismos* podem ser observados na micronarrativa de Jo 19,19-22. Trata-se do elemento estilístico mais presente nos escritos do Antigo Testamento, o qual os autores neotestamentários, pertencentes ao mesmo contexto cultural, também empregam. Paralelismos podem surgir de *repetições*, *sequências* e *oposições*. As repetições, em geral, não são idênticas, mas trabalham com *variações*.

O *letreiro* de Pilatos apresenta uma *inscrição*. Justamente esse detalhe se encontra salientado pelo *sêxtuplo uso* do *verbo* aqui traduzido como "escrever": confira "escreveu" (ἔγραψεν) em v. 19a, duas vezes "escrito" (γεγραμμένον) em v. 19c.20d, "escreve" ou "escrevas" (γράφει) em v. 21b e duas vezes "escrevi" (ἔγραφα) em v. 22b.

Juntam-se, às *seis presenças* do *verbo* 'escrever', as *duas presenças* do *substantivo* aqui traduzido como "leiteiro" (v. 19a.20a: τίτλον). Este último paralelismo torna-se ainda mais visível por causa de o substantivo ser usado na mesma forma. Nos dois casos, ele é declinado na forma do acusativo singular masculino.

Outros *paralelismos*, também vinculados diretamente à presença física do *leiteiro* escrito por Pilatos, gerados de *oposições*. O que o governador romano escreveu, pois, "muitos judeus leram (ἀνέγνωσαν)" (v. 20a). Quer dizer, um *escreve* e os outros *leem*. Mais ainda, os "sumos sacerdotes dos judeus" (v. 21a) não teriam escrito o que Pilatos escreveu. Por isso, contradizem o que a *inscrição* transmite.

Outra *sequência de expressões paralelas*, novamente ligada, de forma direta, à inscrição no letreiro, inicia-se a partir das três línguas: "hebraico, latim e grego" (v. 20d: Ἑβραϊστί, Ῥωμαϊστί, Ἑλληνιστί). Com isso, entra no horizonte a coexistência de culturas e povos, sendo que esses ora convivem e se completam pacificamente, ora se opõem violentamente. Como, na língua grega, os *advérbios* são *invariáveis* em suas formas e, por isso, sempre terminam com as mesmas três letras, o paralelismo é ainda mais *audível* no idioma em que a micronarrativa originalmente foi composta.

Existe ainda outro paralelismo na micronarrativa, o qual também tem uma ligação direta com o letreiro escrito por Pilatos, sendo que esse é provocado pela *tripla presença* da expressão 'rei dos judeus': confira a presença paralela do título dado a Jesus escrito no letreiro – "o rei dos judeus" (v. 19d: ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων) e duplamente presente nas palavras dos sumos sacerdotes, ora por citarem as palavras lidas por eles no letreiro – "O rei dos judeus" (v. 21c: ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων), ora por citarem o que Jesus teria dito – "Sou rei dos judeus" (v. 21e: βασιλεὺς εἰμι τῶν Ἰουδαίων)".

No mais, de acordo com o estudo das personagens participantes do episódio acima realizado, já foram verificados os paralelismos da *tripla presença* de "Pilatos" (v. 19a.21a.22a) e da *quíntupla presença* dos "judeus" (v. 19d.20a.21a.c.e). Enfim, como não podia se esperar de outra forma, os *paralelismos* reforçam ou sublinham a presença do letreiro. Nele algo foi 'escrito' e, portanto, 'lido'. Os escritor é 'Pilatos' e os leitores são os 'judeus'. Além disso, a inscrição no letreiro propõe, por mais que haja uma ironia, que Jesus é o 'rei dos judeus'. As *repetições*, as *oposições* e as *sequências*, as quais nascem da presença de alguns vocábulos, são capazes de manterem a atenção do ouvinte-leitor, em todo momento da micronarrativa, no letreiro, algo literariamente planejado e executado com maestria.

1.7.2 Inclusão ou moldura

A micronarrativa em Jo 19,19-22 começa com o verbo "escreveu" na primeira posição do primeiro verseto (v. 19a: ἔγραψεν). E ela termina com o verbo "escrevi", repetido no final do último verseto (v. 22b: γέγραφα). Em ambos os casos, Pilatos é o sujeito ou a pessoa que fala de si usando a primeira pessoa do singular. No primeiro verseto, de

forma realçada na última posição, o nome do governador romano é expressamente mencionado (v. 19a: Πιλάτος). No final da micronarrativa, é ele quem diz ter escrito o que se lê no leiteiro, sendo que, na introdução da resposta dele aos sumos sacerdotes, novamente na última posição do verseto, o nome de Pilatos é mencionado outra vez (v. 22a: Πιλάτος).

Assim, a micronarrativa em Jo 19,19-22 se encontra *moldurada* pelo mesmo verbo, sendo que a presença de Pilatos favorece o reconhecimento dessa *inclusão*. Como já dito acima, esse elemento estilístico ajuda também na delimitação da cena em questão.

1.7.3 Estrutura concêntrica

Ao observar a distribuição dos *três discursos diretos*, é possível verificar que o primeiro e o terceiro discursos diretos pertencem a Pilatos (v. 19d.22b). De tamanhos bem reduzidos – cada discurso ocupa um só verseto –, as palavras de Pilatos molduram, portanto, o discurso atribuído aos sumos sacerdotes (v. 21b-e), sendo que esse, no centro da estrutura concêntrica, se apresenta com uma extensão maior.

Eis uma visualização da estrutura concêntrica formada pelos três diretos presente em Jo 19,19-22:

- A Discurso direto escrito por Pilatos no leiteio (v. 19d):
"Jesus, o nazareno, o rei dos judeus"
- B Discurso direto dos sumos sacerdotes (v. 21b-e):
"Não escrevas: 'O rei dos judeus', mas que aquele disse: 'Sou rei dos judeus!'"
- A' Discurso direto de Pilatos (v. 22b):
"O que escrevi, escrevi!"

1.7.4 Brevidade e retórica

No que se refere aos três discursos diretos, existem ainda outros pormenores a serem observados. Investe-se na retórica.

Em relação aos pronunciamentos de Pilatos, já foi dito acima que são breves. Nesse sentido, o primeiro discurso direto do governador romano, formado pela inscrição no letreiro, é construído por exatamente *sete palavras*: "Jesus, o nazareno, o rei dos judeus" (v. 19d). Lembra-se que o *número sete* serve aos autores bíblicos como *elemento estilístico*. Além disso, a circunstância de que essas palavras de Pilatos, pelo que está sendo narrado, originalmente precisavam ser lidas, e não escutadas, confere ao discurso direto em questão outra saliência ou proeminência. De certo, uma vez transformadas em narrativa, as palavras escritas no letreiro são pronunciadas ou lidas pelo ouvinte-leitor do Evangelho como as demais. O segundo discurso direto de Pilatos ainda é mais breve: "O que escrevi, escrevi!" (v. 22b). Em grego, são apenas três palavras, sendo que, dentro da brevidade delas, uma delas é repetida com efeito retórico.

O discurso direto dos sumos sacerdotes, por sua vez, chama a atenção do ouvinte-leitor por trazer, de forma intrínseca, dois discursos diretos citados por eles. De um lado, as autoridades religiosas dos judeus citam, em voz alta, o que Pilatos escreveu no letreiro: "Não escrevas: 'O rei dos judeus'" (v. 21b-c). De outro lado, os sumos sacerdotes apresentam um discurso direto de Jesus, sendo que se referem a este último, de forma desrespeitosa e insistindo na distância, além de colocarem palavras na boca de Jesus que este, provavelmente, nunca tenha dito dessa forma: "Aquele disse: 'Sou rei dos judeus!'" (v. 21d-e).

1.8 Estudo comparativo: o texto da inscrição nos quatro Evangelhos

Eis o texto que, segundo os quatro Evangelhos neotestamentários escritos em grego, podia ser lido na epígrafe ou no letreiro fixado na cruz de Jesus:

Mt 27,37	Οὗτός ἐστιν Ἰησοῦς ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων	"Este é Jesus, o rei dos judeus"
Mc 15,26	ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων	"o rei dos judeus"
Lc 23,38	ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων οὗτος	"o rei dos judeus (é) este"
Jo 19,19	Ἰησοῦς ὁ Ναζωραῖος ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων	"Jesus, o nazareno, o rei dos judeus"

O Evangelho segundo Marcos apresenta o texto mais curto, sendo que este é igualmente mantido nos outros três Evangelhos: “o rei dos judeus” (Mc 15,26). Ouvem-se e/ou leem-se quatro palavras: dois substantivos antecidos por artigos definidos, sem que haja um verbo. Não se trata de uma oração completa, mas de uma notícia em forma de um título breve, objetivo e impactante. As duas palavras-chave – “rei” e “judeus” – impactam o leitor com suas cargas semânticas, algo ainda a ser investigado a seguir. Os dois artigos, no entanto, insistem na definição e, com isso, na identificação das pessoas às quais os substantivos do título se referem.

No Evangelho segundo Mateus, o ouvinte-leitor se encontra com uma oração completa, “escrita e fixada sobre a cabeça de Jesus”: “Este é Jesus, o rei dos judeus” (Mt 27,37). São sete palavras. Tal número, assim como o quatro, é usado como elemento estilístico na literatura hebraica. A oração traz, no início, uma frase nominal, formada por três palavras: um pronome demonstrativo na posição de sujeito, um verbo auxiliar de ligação e um nome como sujeito-predicado. Este último recebe um complemento em forma de aposto, formado por quatro palavras, o qual corresponde ao que o Evangelho segundo Marcos apresenta.

Também o Evangelho segundo Lucas mostra uma oração completa na “epígrafe acima de” Jesus: “O rei dos judeus (é) este” (Lc 23,38). No texto grego, não há verbo de ligação. Talvez se imite aqui a língua hebraica, que, comumente, junta os dois elementos da frase nominal sem verbo de ligação, observando-se, assim, um hebraísmo no Evangelho segundo Lucas. Também chama a atenção do ouvinte-leitor que Lucas, diferentemente de Mateus, coloque o pronome demonstrativo indicativo de Jesus apenas no final da formulação.

O Quarto Evangelho, por sua vez, embora apresente um texto no “letreiro” formado por sete palavras, não traz uma oração completa, mas um enunciado breve em forma de título: “Jesus, o nazareno, o rei dos judeus” (Jo 19,19). Aliás, contrariamente a Marcos e Lucas, que falam de uma “epígrafe” (Mc 15,26; Lc 23,38), o Quarto Evangelho, em Jo 19,19-20, adota duas vezes “a palavra latina *titulus*, que é um estrangeirismo em grego (τίτλος)”, a fim de indicar o texto fixado na cruz de Jesus.⁴⁴ No estudo aqui apresentado,

⁴⁴ Frederick Fyvie BRUCE, **João: introdução e comentário**, p. 314.

o substantivo grego em questão é traduzido como “letreiro”. No mais, somente o Quarto Evangelho, além de mencionar também o nome “Jesus” como parte integrante da inscrição (Mt 27,37; Jo 19,19), traz o elemento “o nazareno” (Jo 19,19) como complemento para identificar o Crucificado. Enfim, observa-se a sequência formada por “Jesus” e por dois apostos: “o nazareno” e “o rei dos judeus” (Jo 19,19).

Resumindo: os quatro Evangelhos neotestamentários apresentam o texto na epígrafe ou no letreiro colocado na cruz de Jesus com pequenas diferenças: ora mais breve, ora mais extenso; ora como oração completa, ora como enunciado sem verbo. O maior conjunto de palavras-chave com cargas semânticas significativas aparece em João. Não é possível opinar sobre qual, de fato, foi o texto que historicamente figurou na epígrafe ou no letreiro sobre a cruz de Jesus. Cada Evangelho, pois, integrou a inscrição em sua narrativa com certa autonomia, conferindo-lhe uma configuração poética própria. Além disso, insiste-se, junto a esse esforço literário, o cultivo de determinada memória histórica e, na promoção de uma reflexão teológica vinculada ao texto encontrado na cruz de Jesus. Eis o assunto a seguir.

1.9 Primeiros resultados

No final deste primeiro capítulo chega-se agora, a partir das investigações acima apresentadas, a primeiros resultados. O que se ouve ou lê em Jo 19,19-22 forma uma pequena *unidade literária* que bem pode ser *delimitada*. Trata-se de uma *cena* ou de um *episódio* que, com *certa autonomia*, faz parte da narrativa mais ampla sobre a paixão e morte de Jesus em Jo 18–19 e do Quarto Evangelho como um todo.

Os *estudos morfológico-sintáticos* mostram que as palavras gregas formam um *texto coeso* com *frases bem construídas*. O processo de escuta ou leitura flui. Em momento algum, precisa ser interrompido.

No mais, reconhece-se que o texto em questão pertence ao *gênero literário* da *poesia épica*. Ou seja, trata-se de uma *narrativa*. Praticamente todos os elementos comumente constitutivos para uma narrativa podem ser verificados, apesar da brevidade do trecho. Apenas no que se refere ao *enredo* ou à *trama*, falta o elemento de uma ação transformadora.

Finalmente, observa-se a *poeticidade* da micronarrativa em Jo 19,19-22. Diversos *elementos estilísticos* conferem ao episódio a sua beleza literária. Não é um texto comum, nem é um texto jornalístico, um boletim de ocorrência ou um texto historiográfico no sentido moderno. Pelo contrário, o ouvinte-leitor está diante de uma *micronarrativa* que é *literatura*. Narra-se um elemento da história da morte de Jesus na cruz com a intenção de promover uma ampla reflexão teológica. Justamente os elementos histórico-teológicos contidos em Jo 19,19-22 se tornarão agora o objeto de pesquisa no segundo capítulo desta Dissertação.

2 Contexto histórico e reflexão teológica

O segundo capítulo desta Dissertação visa ao estudo do *contexto histórico* daquilo que é narrado em Jo 19,19-22 e à *reflexão teológica* que essa micronarrativa promove de forma narrativo-poética. Em vista da pesquisa aqui proposta, trata-se de uma separação necessária por questões metodológicas, uma vez que não se pode investigar tudo ao mesmo tempo. O texto bíblico, no entanto, mistura as dimensões *literárias*, *históricas* e *teológicas*, perseguindo o objetivo de apresentar o *Evangelho* anunciado por *Jesus de Nazaré*, sendo que isso inclui centralmente a reflexão sobre o mistério divino que acompanha este último.⁴⁵

Como já abordado no primeiro Capítulo (cf. 1.6.1), a pequena narrativa em Jo 19,19-22 apresenta diversas *personagens*: *Pilatos*, *Jesus* – apresentado também como *nazareno* e *rei* –, os *sumos sacerdotes* e os *judeus*. Cabe uma real existência histórica a todas essas personagens. Isso também precisa ser afirmado em relação ao lugar de *Nazaré*, evocado pelo vocábulo "nazareno" (v. 19d), no que se refere ao "letreiro" de Pilatos como *inscrição romana* (v. 19a.20a) e a respeito do "lugar onde Jesus foi crucificado" (v. 20b). Por isso, os estudos históricos promovidos no segundo Capítulo desta Dissertação irão se concentrar nas *personagens*, nos *lugares* e no *letreiro* mencionados em Jo 19,19-22. Por excelência, visa à figura de *Pilatos*, uma vez que todos os escritores pertencentes ao primeiro século d.C., quando se propõem a situar historicamente Jesus de Nazaré, encontram nesse *governador romano da Judeia* a primeira e mais importante referência.

Sobretudo, porém, a presente pesquisa se interessa pela *reflexão teológica* trazida pela micronarrativa em Jo 19,19-22. Esta inicia-se, em grande parte, da *inscrição* que se lê no *letreiro*, sendo que este último se encontra fixado sobre a *cruz*. Ou, com outras palavras, é significativo que o ouvinte-leitor do Evangelho segundo João descubra Jesus

⁴⁵ Usa-se aqui o termo *Jesus de Nazaré*, uma vez que o Evangelho segundo João se expressa dessa forma: cf. "Jesus, filho de José, o de Nazaré" (Jo 1,45: Ἰησοῦν υἱὸν τοῦ Ἰωσήφ τὸν ἀπὸ Ναζαρέτ), "de Nazaré" (Jo 1,46: Ἐκ Ναζαρέτ), "Jesus, o nazareno" (Jo 18,5.7: Ἰησοῦν τὸν Ναζωραῖον) e, justamente no letreiro de Pilatos, "Jesus, o nazareno" (Jo 19,19: Ἰησοῦς ὁ Ναζωραῖος).

como "nazareno" (v. 19dβ), como "rei dos judeus" (v. 19dγ-δ.21c.e), como acusado por Pilatos e como crucificado. Além disso, a presença maciça de opositores de Jesus – *Pilatos* e os *sumos sacerdotes dos judeus* – é de maior relevância teológica, sendo que tais opositores, provindos de grupos opostos, entram numa controvérsia a respeito de Jesus, na qual, aparentemente, prevalece um desentendimento motivado por interesses políticos.

2.1 Pilatos

“E *Pilatos* escreveu um letreiro” (Jo 19,19a). Com essas palavras, o Evangelho segundo João, de forma direta, atribui a autoria do que se encontrava escrito no *letreiro* fixado sobre a cruz de Jesus ao governador romano que condenara Jesus à morte. Nos outros três Evangelhos, isso não é dito dessa forma.

Para o Evangelho segundo Marcos, Pilatos sai de cena após “ter entregado Jesus para que fosse crucificado” (Mc 15,15). Agora os soldados romanos assumem seu trabalho, sendo que eles “crucificam” Jesus (Mc 15,24). Junto a isso, Marcos apenas noticia que “havia a epígrafe da acusação dele sobrescrita” (Mc 15,26), sem, porém, narrar detalhes sobre quem escreveu o texto e/ou quem mandou escrever o que se podia ler na *epígrafe*. O Evangelho segundo Lucas acompanha o que se encontra em Marcos, lendo-se: “E havia, pois, uma epígrafe acima dele” (Lc 25,38). Também o Evangelho segundo Mateus narra, de forma semelhante, os acontecimentos: “Acima da cabeça dele, colocaram por escrito a acusação dele” (Mt 27,37). Percebe-se, no entanto, um detalhamento um pouco maior em Mateus quanto à localização da epígrafe e ao sujeito atuante, pois o verbo na terceira pessoa do plural traz os “soldados do governador” (Mt 27,27) como sujeito oculto.

Resumindo: os três Evangelhos sinóticos e o Evangelho segundo João insistem na presença de uma “epígrafe” (Mc 15,26; Lc 25,38: ἐπιγραφή) ou de um “letreiro” (Jo 19,19.20: τίτλος) na cruz de Jesus. E, valorizando o contexto narrativo, os quatro Evangelhos neotestamentários parecem atribuir a autoria daquela inscrição e a responsabilidade pela fixação dela na cruz às *autoridades romanas*. Nesse sentido, é difícil imaginar que os *soldados do governador romano*, como executores da

crucificação de Jesus, se arriscassem a agir por conta própria ou permitissem algo a alguém que não fosse do interesse de *Roma*. De forma expressa, porém, somente o Evangelho segundo João afirma que foi “Pilatos” quem “escreveu o letreiro” (Jo 19,19). Mais ainda, Pilatos escuta dos sumos sacerdotes o pedido de “não escrever” assim (Jo 19,21) e, em sua resposta a eles, se defende dizendo: “O que escrevi, escrevi” (Jo 19,22). Ou seja, a pequena narrativa joanina sobre a controvérsia em torno do *letreiro* na cruz (Jo 19,19-22), diferentemente do que se lê nos três Evangelhos sinóticos, insiste, de forma expressa, três vezes na *autoria* de *Pilatos*.

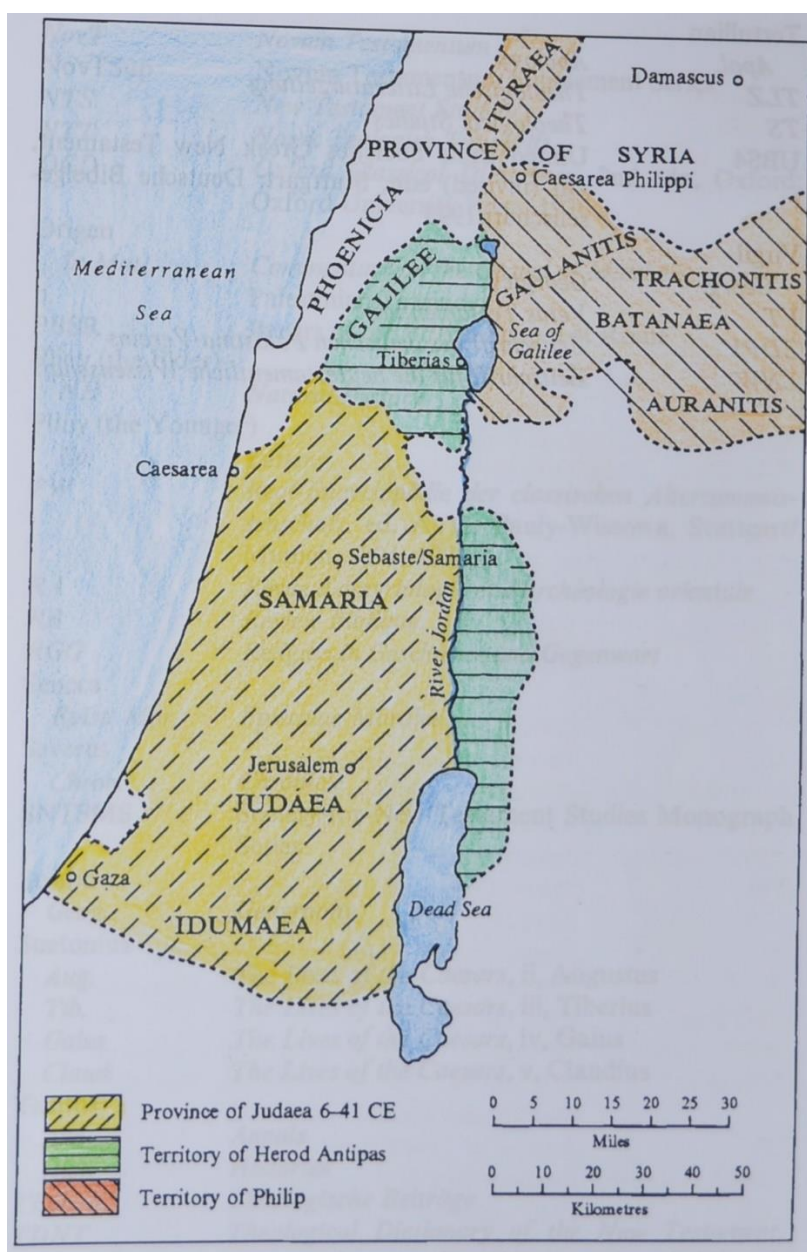
Quem, por sua vez, era *Pilatos*? Com o governo autocrático de *Augusto* – em latim: *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus* –, de 31 a.C. a 14 d.C., iniciou-se o período do *Império Romano*. Isso provocou também "que a administração das províncias romanas fosse reorganizada": no caso, as províncias "militarmente ou economicamente importantes" se encontravam agora diretamente subjugadas ao controle do imperador, enquanto as outras províncias eram controladas pelo senado.⁴⁶ Nesse sentido, a *Judeia* era uma *província imperial*, e não *senatorial*, governada por um representante do imperador. Inicialmente, tal representante carregava o título de *prefeito*, depois se chamava de *procurador*. Cabiam a este último, sobretudo, as seguintes tarefas: jurisdição, em especial a crimes capitais, ou seja, crimes puníveis de pena de morte; processos de arbitragem; controle sobre a cobrança de impostos e tributos; políticas regulatórias como o combate a bandidos e piratas e a repressão de levantes.⁴⁷

No ano 6 d.C., *Arquelau*, filho de Herodes, o Grande, foi destituído como *etnarca da Judeia* (cf. Mt 2,22). Isso ocorreu por meio de um processo em Roma, sendo que nobres da Judeia e da Samaria tinham iniciado um processo de reclamações junto ao imperador Augusto. Desde então, a *Judeia* existia como uma *região autónoma* governada por um *prefeito romano*, subjugada à *província romana* da *Síria*. Nesse mesmo tempo, a *Galileia* e a *Pereia* era governada pelo *tetrarca Herodes Antipas* (4 a.C.-39 d.C.) – cf. o nome dele em Mt 14,1.3.6^{2x}; Mc 6,14.16.17.18.20.21.22; 8,15; Lc 3,1.19^{2x}; 8,3; 9,7.9; 13,31; 23,7^{2x}.8.11.12.15). Outro filho de Herodes, o Grande, o *tetrarca Herodes Felipe* (4 a.C.-34 d.C.), governava a *Traconítide*, a *Auranítide*, a *Bataneia*, a *Gaulanítide* e a *Itureia* – cf. a menção do nome dele em Mt 14,3; 16,13; Mc 6,17; 8,27; Lc 3,1. Quer

⁴⁶ Michael RYDRYCK, *Statthalter*, p. 1.

⁴⁷ Cf. Michael RYDRYCK, *Statthalter*, p. 1.

dizer, enquanto *prefeitos romanos* governavam a *província da Judeia*, dois *herodianos*, como governadores clientes do Império Romano, continuavam com seu mando nas regiões vizinhas da Judeia. Eis um mapa que ilustra as subdivisões territoriais aqui mencionadas e indica a região governada por *Pilatos*, formada pela *Samaria*, *Judeia* e *Idumeia*.⁴⁸



⁴⁸ O mapa se encontra em: Helen K. BOND, **Pontius Pilate in history and interpretation**, p. XXVI (coloração minha).

Assim, teve a sequência dos seguintes prefeitos na província da Judeia: *Copônio* (6-9 d.C.), *Marco Ambíbulo* (9-12 d.C.), *Ânio Rufo* (12-15 d.C.), *Valério Grato* (15-26 d.C.) e, como sexto prefeito romano, *Pôncio Pilatos* (26-36 d.C.). Sejam apresentados primeiramente os dois achados arqueológicos que indicam a existência histórica de *Pilatos*.

Conhece-se, desde o ano de 1961, a seguinte *inscrição* em língua latina numa *pedra* encontrada em *Cesareia Marítima*: S TIBERIEVM NTIVS PILATVS ECTVS IVDAE [Tradução: ... S Tibério, (Pó)ncio Pilatos, (pref)eito da Judeia]:⁴⁹



⁴⁹ Ver imagem em Dominic CROSSAN; Jonathan L. REED, **Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos**, p. 104.

O outro achado arqueológico consiste numa *inscrição* em um *anel* encontrado, em 1968-69, no *Herodium*, perto de Belém, e decifrado apenas em 2018:⁵⁰



O *anel* em questão foi encontrado junto a um muro, construído, provavelmente, durante a primeira revolta dos judeus contra os romanos entre 66 e 71 d.C., sendo que ali estavam também moedas do período da revolta.⁵¹ Leem-se, a partir da direita, lado superior, à esquerda, debaixo para cima, as seguintes letras maiúsculas do alfabeto grego: Π Ι Α Α Τ Ο. Comumente, imagina-se aqui a forma do dativo, seja em grego,

⁵⁰ Ilustração tirada de David E. GRAVES, **Pilate's Ring and Roman Religion**, p. 4.

⁵¹ Cf. Shua AMORAI-STARK; Malka HERSHKOVITZ; Gideon FORSTER; Yakov KALMAN; Rachel CHACHY; Roi PORAT, **An Inscribed Copper-Alloy Finger Ring from Herodium Depicting a Krater**, p. 211.

seja em latim, o que favoreceria uma compreensão no sentido de *para/de/a Pilatos*.⁵² Os arqueólogos datam o objeto feito de uma ligação de cobre da segunda metade do primeiro século antes de Cristo à primeira metade do primeiro século depois de Cristo.⁵³

No que se refere aos textos escritos no século I d.C., Pilatos existem menções de *Pilatos* nas obras literárias de *Flávio Josefo* (37/8-100 d.C.), de *Fílon de Alexandria* (20 a.C.-50 d.C.) e em seis *escritos neotestamentários* (Mt; Mc; Lc; Jo; At; 1Tm).⁵⁴ Em 114 d.C., o historiador romano *Tácito*, em seus *Anais* (15.44), também fala sobre a execução de “Cristo durante o reino de Tibério pelo governador da Judeia, Pôncio Pilatos”.⁵⁵ (). Embora os autores das obras literárias escrevam cada um a partir de suas intenções, observando-se, portanto, leituras diferentes no que se refere à atuação de *Pilatos*, este *governador* romano se tornou a referência histórica mais importante em relação a Jesus de Nazaré.

No *Novo Testamento*, o nome de *Pilatos* aparece cinquenta e cinco vezes: nove vezes em Mateus (Mt 27,2.13.17.22.24.58^{2x}.62.65), dez vezes em Marcos (Mc 15,1.2.4.5.9.12.14.15.43.44), doze vezes em Lucas (Lc 3,1; 13,1; 23,1.3.4.6.11.12.13.20.24.52), vinte vezes em João (Jo 18,29.31.33.35.37.38; 19,1.4.6.8.10.12.13.15.19.21.22.31.38^{2x}), três vezes em Atos dos Apóstolos (At 3,13; 4,27; 13,28) e uma vez na Primeira Carta a Timóteo (1Tm 6,13). Três dessas menções o citam como “Pôncio Pilatos” (Lc 3,1; At 4,27; 1Tm 6,13). Não é possível apresentar aqui, de forma mais abrangente, um estudo histórico sobre *Pilatos*, focando, em especial, na questão de como ele atuou no julgamento de Jesus.⁵⁶ No entanto, alguns dados referentes a esse governador romano na Judeia, possivelmente, já sejam um auxílio na procura da identidade de quem, segundo Jo 19,19, “escreveu o leiteiro” fixado na cruz de Jesus:

⁵² Cf. David E. GRAVES, **Pilate's Ring and Roman Religion**, p. 2.

⁵³ Shua AMORAI-STARK; Malka HERSHKOVITZ; Gideon FORSTER; Yakov KALMAN; Rachel CHACHY; Roi PORAT, **An Inscribed Copper-Alloy Finger Ring from Herodium Depicting a Krater**, p. 213.

⁵⁴ Cf. os estudos de Helen K. BOND (**Pontius Pilate in history and interpretation**, p. 24-193) sobre *Pilatos* nas obras de *Fílon*, *Flávio Josefo* e nos Evangelhos segundo *Marcos*, *Mateus*, *Lucas* e *João*.

⁵⁵ Cf. o texto latim em Ronald H. MARTIN, **Tacitus and the writing of history**, p. 6.

⁵⁶ Cf. Eckhard J. SCHNABEL, **The Roman Trial before Pontius Pilatus**.

Segundo Fílon de Alexandria, o exercício da função de Pôncio Pilatos caracteriza-se pela corrupção, violência e saque (cf. *Legatio ad Gaium*, 302), e, segundo a apresentação de Flávio Josefo, Pôncio Pilatos é pouco atencioso em relação às sensibilidades judaicas: assim, por exemplo, ele coloca imagens do imperador em Jerusalém e financia um aqueduto com o tesouro do Templo de Jerusalém. Contra as revoltas daqui resultantes, o prefeito romano procede com dureza (cf. *A Guerra dos Judeus*, 169-177; cf. também Lc 13,1).⁵⁷

Quer dizer, Pilatos, “logo no período pós-Augusto, promove, como prefeito, a religião romana na forma do culto imperial”.⁵⁸ Corresponde a tal política que a leitura de alguns discursos diretos de Pilatos narrados nos Evangelhos parece indicar *resquícios de distinções discriminatórias* em relação aos judeus, por exemplo, quando Pilatos pergunta a Jesus: “Porventura, sou eu um judeu?” (Jo 18,35b).⁵⁹ Com isso, também a *epígrafe* de Jesus precisa ser investigada com base nessa perspectiva.

2.2 Inscrições romanas

A indicação da “culpa” (Mt 27,37; Mc 15,26) de alguém condenado à morte por meio de uma *epígrafe* ou de um *letreiro* não é algo incomum para o mundo romano. Suetônio, escritor romano, narra como Calígula (37-41 d.C.) ordenou executar um escravo que tinha furtado uma tira de prata dos sofás, com as mãos cortadas e penduradas do pescoço ao peito, e como devia desfilar entre os convidados de um banquete precedido por um *letreiro* (em latim: *titulus*) que apresentasse a razão da punição dele (ver a obra *Gaius Calígula*, 32.1-2).⁶⁰ De forma semelhante, Suetônio apresenta um *letreiro* em que o imperador Domiciano (81-96 d.C.) mandou escrever uma frase irônica sobre um homem sentenciado por ele para que morresse na arena lutando contra cachorros (ver a obra *Domitianus*, 10.1).⁶¹ Também Dião Cássio (163-229 d.C.), em sua obra *História de Roma* (54.3.7), escreve sobre um escravo desertor condenado à morte, o qual foi

⁵⁷ Cf. Melanie PEETZ, *Das biblische Israel: Geschichte – Archäologie – Geographie*, p. 260.

⁵⁸ Joan E. TAYLOR, *Pontius Pilate and the Imperial Cult in Roman Judaea*, p. 582.

⁵⁹ Cf. Francisca Antonia de Farias GRENZER, “Porventura, sou eu um judeu?” (Jo 18,35b): *resquício de uma distinção discriminatória de Pilatos*, p. 107-112.

⁶⁰ Cf. Eckhard J. SCHNABEL, *The Roman Trial before Pontius Pilatus*, p. 293-295.

⁶¹ Cf. Eckhard J. SCHNABEL, *The Roman Trial before Pontius Pilatus*, p. 295-296.

levado à corte com uma *inscrição* (γραμμάτων) que tornava conhecida a razão de sua condenação, para que depois fosse crucificado.⁶²

Enfim, *Pilatos*, ao ordenar que, na cruz de Jesus, houvesse uma “epígrafe” (Mc 15,26; Lc 23,38) ou um “letreiro” (Jo 19,19) que indicasse a “culpa” (Mt 27,37; Mc 15,26) do crucificado, aparentemente age dentro dos padrões da cultura romana, embora as notícias sobre tal prática sejam poucas na literatura extrabíblica. Em contrapartida, os quatro Evangelhos no Novo Testamento apresentam o texto fixado na cruz, ainda que com diferenças, as quais serão apresentadas na sequência.⁶³

2.3 O nazareno

Inicialmente, é preciso esclarecer as diversas escritas das palavras *Nazaré* e *nazareno* nos textos do Novo Testamento escritos em grego. A seguinte tabela se propõe a visualizar o que o ouvinte-leitor encontra como dados textuais:

Palavra	Referência	Análise morfológica	Tradução
Ναζαρέτ	Mt 2,23 Mc 1,9 Jo 1,45.46	nome (substantivo)	Nazaré
Ναζαρέθ	Mt 21,11 Lc 1,26; 2,4.39.51 At 10,38	nome (substantivo)	Nazaré
Ναζαρά	Mt 4,13 Lc 4,16	nome (substantivo)	Nazaré
ναζαρινός, ή, όν	Mc 1,24; 10,47; 14,67; 16,6 Lc 4,34; 24,19	adjetivo	nazareno(a)
ό ναζωπαϊός	Mt 2,23; 26,71 Lc 18,37 Jo 18,5.7; 19,19 At 2,22; 3,6; 4,10; 6,14; 22,8; 24,5; 26,9	nome (substantivo)	o nazareno

⁶² Cf. Eckhard J. SCHNABEL, **The Roman Trial before Pontius Pilatus**, p. 297-298.

⁶³ O conteúdo da inscrição no letreiro fixado na cruz de Jesus será estudado nos subitens a seguir (2.3-2.6). Neste item (2.2), o objetivo apenas era alertar para a circunstância de que esse tipo de inscrição não era algo totalmente inusitado no contexto da cultura romana.

O nome da cidade na Galileia aparece nos quatro Evangelhos com três escritas diferentes: Ναζαρέτ, Ναζαρέθ e Ναζαρά. Diferenças de escrita ocorrem até no mesmo Evangelho. Mateus, por exemplo, trabalha com as três escritas e Lucas, com duas. O adjetivo traduzido aqui como *nazareno* (ναζαρηνός, ή, όν) constantemente é usado de modo substantivado: ora na forma do vocativo (Mc 1,24; Lc 4,34), ora com artigo definido (Mc 10,47; 14,67; 16,6; Lc 24,19). Em todos os casos, ao empregar-se tal adjetivo, os textos visam a Jesus como *nazareno*. O substantivo masculino também traduzido aqui como *nazareno* (ό ναζωπαῖος, -ου) quase sempre se refere a Jesus (Mt 2,23; 26,71; Lc 18,37; Jo 18,5.7; 19,19; At 2,22; 3,6; 4,10; 6,14; 22,8; 26,9). Apenas em At 24,5 olha-se, com essa expressão, para os cristãos-judeus como “seita dos nazarenos”.

Com as trinta referências a Jesus como *nazareno* ou a *Nazaré* como lugar dele e/ou lugar de sua família, surge a questão referente à representatividade de tal cidade ou de tal vilarejo. Num primeiro momento, é possível observar que assim são indicadas as origens geográficas de Jesus. Ele é ou “veio de Nazaré” (Mc 1,9). Em “Nazaré”, Jesus foi “criado” (Lc 4,16) e ali ele “morou” (Mt 2,23), até que “deixou Nazaré para trás” (Mt 4,13) e/ou queriam expulsá-lo dessa “cidade” (Lc 4,29). Afinal, seu pai e sua mãe, José e Maria, moravam em “Nazaré”, “a cidade deles” (Lc 1,26; 2,4.39.51). Por causa disso, ao identificarem Jesus pela menção de suas origens geográficas, o homem com o espírito impuro na sinagoga de Cafarnaum (Mc 1,24; Lc 4,34), Filipe (Jo 1,45), Natanael (Jo 1,46), a multidão em Jericó (Lc 18,37), Bartimeu (Mc 10,47), a multidão em Jerusalém (Mt 21,11), o destacamento de soldados romanos e os guardas dos sumos sacerdotes e dos fariseus (Jo 18,5.7), a criada do sumo sacerdote (Mc 14,67; Mt 26,71), o jovem mensageiro no túmulo (Mc 16,6), Cléofas (Lc 24,19), Pilatos (Jo 19,19), Pedro (At 2,22; 3,6; 4,10; 10,38), os acusadores de Estêvão (At 6,14), Paulo (At 26,9) e o próprio Jesus ressuscitado (At 22,8) chamam Jesus de “nazareno” ou “o de Nazaré da Galileia”. Na prática, a expressão *nazareno* parece funcionar como um apelido de Jesus, a fim de, assim, identificá-lo mais facilmente.⁶⁴ Nesse sentido, no que se refere ao Evangelho segundo João, é comum que as personagens são apresentadas com suas

⁶⁴ Cf. Walter BAUER, **Wörterbuch zum Neuen Testament**, p. 1077.

origens geográficas: ver "Filipe de Betsaida" (Jo 1,44) ou "Filipe de Betsaida da Galileia" (Jo 12,21), "Lázaro de Betânia" (Jo 11,1), "José de Arimateia" (Jo 19,38), "Maria de Magdala" ou, mais literalmente, "Maria Madalena" (Jo 19,25; 20,1.18), "a mulher de Samaria" (Jo 4,7) ou "a mulher samaritana" (Jo 4,9).⁶⁵

De certo, existe no Novo Testamento a tradição de que Jesus “nasceu em Belém”, na Judeia (Mt 2,1; Lc 2,4.15), ou de que o messias, conforme a profecia em Mq 5,1, deve nascer em “Belém” (Mt 2,5.6; Jo 7,42). Isso, porém, além de não ser contraditório, não impediu que Jesus fosse visto como *nazareno* ou como o de *Nazaré*. Assim sendo, essa identificação vai além de uma simples indicação das origens geográficas dele, sobretudo, quando se descobrem as conotações simbólicas do nome e/ou da história dessa cidade na Galileia.

Nesse sentido, inicialmente, vale lembrar que, conforme o Evangelho segundo Mateus, Jesus chegou a morar em *Nazaré* por razões políticas, ou seja, por causa do medo diante do governador violento Arquelau (4 a.C.-6 d.C.), filho de Herodes, o Grande (Mt 2,23). Caso essa tenha sido a razão de Jesus ter crescido em *Nazaré*, tal cidade adquire uma primeira representatividade justamente a partir dessa circunstância específica. Trata-se de uma cidade na Galileia capaz de acolher uma família que, vindo da Judeia, precisava migrar e refugiar-se num lugar seguro. Com isso, naquele momento, a comunidade *nazarena* se mostrou fiel aos preceitos da Torá, sobretudo aos mandamentos que, em Lv 19,33-34; Dt 10,18-19, prescrevem o amor ao imigrante.⁶⁶

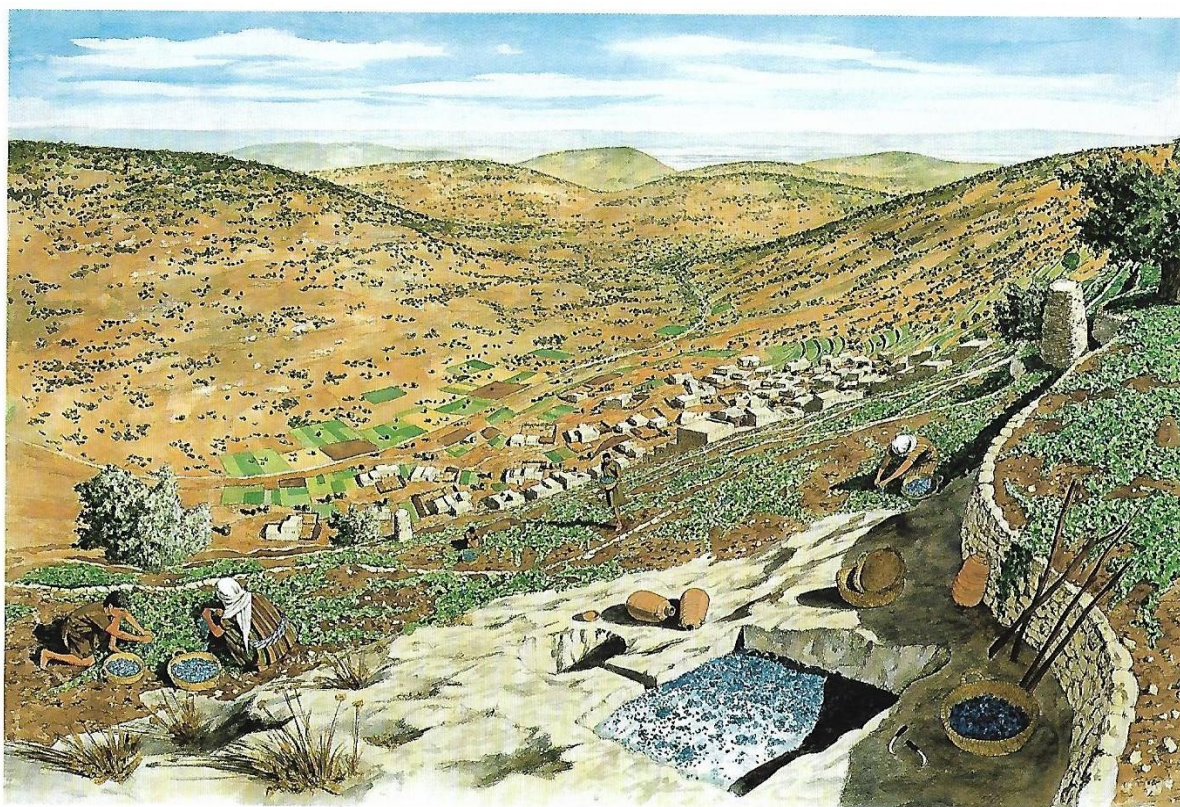
Conforme o Evangelho segundo Lucas, por sua vez, tem-se a impressão de que *Nazaré* já era o lugar onde *Maria* e *José* moravam, algo não narrado no Evangelho segundo Mateus. Noticia-se, pois, que o "anjo Gabriel" foi ao encontro da "virgem Maria" numa "cidade da Galileia, com nome de Nazaré" (Lc 1,26-27). Depois, narra-se que, por ocasião de um censo ordenado por César Augusto (Lc 2,1), "José", com Maria grávida, "subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, para a Judeia" (Lc 2,4). Nesse mesmo sentido é dito que, "após terem cumprido a lei do SENHOR" no templo de Jerusalém, José e Maria, com seu filho Jesus, "voltaram para a Galileia, isto é, para Nazaré, a cidade deles" (Lc

⁶⁵ Em relação à personagem de *José de Arimateia*, cf. Matthias GRENZER; Francisca Antonia de Farias GRENZER, **Especiarias aromáticas no sepultamento de Jesus (Jo 19,39-40)**.

⁶⁶ Cf. Matthias GRENZER, **A proposta ímpar do amor ao imigrante (Lv 19,33-34)**.

2,39), sendo que esse movimento se repete ao Jesus, tendo "doze anos" (Lc 2,41), novamente "desce", com seus pais, de Jerusalém "para Nazaré" (Lc 2,51).⁶⁷ Enfim, os Evangelhos segundo Mateus e Lucas, com as notícias narradas por eles, geram a ideia de que Jesus passou sua infância e sua juventude em *Nazaré* da Galileia. De lá, ao "abandonando Nazaré" (Mt 4,13), Jesus se mudou para "Cafarnaum" (Mt 4,13), iniciando o "anúncio" de seu Evangelho (Mt 4,17; ver também Mc 1,21; Lc 4,31).

No tempo de Jesus, por sua vez, *Nazaré* era um vilarejo pequeno, bem menor do que é hoje. Eis uma ilustração na base de estudos histórico-arqueológicos:⁶⁸



⁶⁷ Cf. Boris Agustín NEF Ulloa, **A apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,22-39)**, p.165-176.

⁶⁸ Ilustração tirada de Dominic CROSSAN; Jonathan L. REED, **Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos**, p. 160-161 (cf. também as informações nas p. 75-80).

Percebe-se com isso o quanto *Nazaré* representa a pequenez. Era uma vila de poucos camponeses judeus, que não participava do processo de urbanização da Galileia promovido pelo tetrarca Herodes Antipas (04 a.C.-39 d.C.), o qual estava acontecendo, sobretudo, em lugares como *Séforis* ou *Tiberíades*.⁶⁹ Talvez a proximidade a *Séforis* tenha favorecido o comércio e/ou o trabalho de alguns *nazarenos* nesse centro urbano. No entanto, a área habitada de *Nazaré* era de apenas dez acres (40.470 m²), com duzentos a quatrocentos moradores. Ali se produziam diversos tipos de grãos, azeitonas e uvas, trabalhando-se, em parte, com terraços. Arqueologicamente, não se sabe nada de uma sinagoga em *Nazaré* (Lc 4,16) no século primeiro depois de Cristo.⁷⁰ Enfim, política e economicamente, *Nazaré* não chegava a ser um lugar importante, embora também os judeus nazarenos pagassem seus impostos e tributos aos romanos e suas contribuições, ao templo de Jerusalém.

A partir dessa conotação de *Nazaré*, descobrindo-se a pequenez dessa cidade, o leiteiro de Pilatos, o qual somente na versão joanina apresenta “Jesus” como “nazareno” (Jo 19,19), pode ter a intenção de indicar a *insignificância* do Crucificado. Quer dizer, o tamanho e a localização do lugar de origem de Jesus são capazes de provocarem a pergunta se “de Nazaré pode sair algo de bom” (Jo 1,46). Talvez esse pensamento não tenha sido apenas de Natanael, mas também de Pilatos.

Entretanto, outras *representatividades* podem acompanhar a *nazarenidade* de Jesus e/ou de seus conterrâneos. De um lado, as consoantes do nome *Nazaré* e do adjetivo e/ou substantivo *nazareno* lembram a raiz verbal hebraica que pode ser traduzida como “consagrar-se” ou “viver como nazireu” (ver נָזַר nos graus do Nifal e do Hifil em Lv 15,31; 22,2; Nm 6,2.3.5.6.12; Ez 14,7; Os 9,10; Zc 7,3), assim como os substantivos “consagração” ou “nazireato” (ver נִזְרָה em Ex 29,6; 39,30; Lv 8,9; 21,12; Nm 6,4.5.7.8.9.12.13.18.19.21.22; 2Sm 1,10; 2Rs 11,12; 2Cr 23,11; Sl 89,40; 132,18; Pr 27,24; Jr 7,29; Zc 9,16) e “nazireu” (ver נָזִיר em Gn 49,26; Lv 25,5.11; Nm 6,2.13.18.19.20.21; Dt 33,16; Jz 13,5.7; 16,17; Lm 4,7; Am 2,11.12). Portanto, alguém de *Nazaré* ou um *nazareno* pode ser pensado como quem, semelhantemente a um *nazireu*, consagra-se a Deus, visando-se a uma compatibilidade entre a santidade de

⁶⁹ Cf. Rudolf HOPPE, *Galiläa – Geschichte, Kultur, Religion*, p. 49-54.

⁷⁰ Cf. Dominic CROSSAN; Jonathan L. REED, *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*, p. 68-80.

Deus e a santidade de quem faz o voto do *nazireato* (talvez Mt 2,23, nesse sentido, pretenda estabelecer um paralelismo entre Jesus e Sansão: cf. Jz 13,5.7).

De outro lado, as consoantes do nome *Nazaré* e do adjetivo e/ou substantivo *nazareno* lembram o substantivo hebraico comumente traduzido como “rebento” ou “broto” (ver נֶצֶר em Is 11,1; 14,19; 60,21; Dn 11,7). Nesse caso, se lê, no lugar da segunda consoante, a letra hebraica *tsade* (צ), e não um *zajin* (ז). Nesse caso, especialmente o paralelismo com Is 11,1 se torna teologicamente significativo. Ao se lembrar de Jesus de *Nazaré* e/ou de Jesus *nazareno*, o ouvinte-leitor chega à ideia de nele se cumprir a esperança messiânica, justamente por ser ele compreendido como “rebento das raízes de Jessé” (ver as alusões a Is 11,1 em Mt 2,23; At 13,22-23; Hb 7,14; Ap 5,5; 22,16).

Além disso, existe ainda uma terceira possibilidade de as consoantes do nome *Nazaré* e do adjetivo e/ou substantivo *nazareno* espelharem a raiz verbal hebraica comumente traduzida como *guardar* ou *observar* (נָצַר). Em vista disso, os textos do Antigo Testamento focam tanto em Deus como no ser humano. De um lado, pois, o Senhor, Deus de Israel, é descrito como quem “guarda”, “observa” ou “preserva” algo ou alguém: ver a “lealdade” (Ex 34,7), a “paz” (Is 26,3), o “povo” e “Jacó” (Dt 32,10), “Israel, sua vinha” (Is 27,3; 49,6), o “servo” sofredor (Is 42,6; 49,8), o “ser humano” (Jó 7,20), os “oprimidos” e “pobres” (Sl 12,8), os “leais” (Sl 31,24), “quem tem conhecimento” (Pr 22,12), a “porta dos lábios” do fiel (Sl 141,3), “a alma” de quem lhe pertence (Pr 24,12) e “as veredas do direito” (Pr 2,8). Nesse mesmo sentido, Deus também “guarda” ou “preserva” os seus de algo ou de alguém: por exemplo, “da aflição” (Sl 32,7), “do pavor do inimigo” (Sl 64,2), do “homem de ações violentas” (Sl 140,2.5). Também qualidades divinas e/ou provindas de Deus são vistas como “guardiões” do ser humano: ver, nesse sentido, a “lealdade” e “verdade” do Senhor (Sl 40,12), a “lealdade” e “verdade” de Deus (Sl 61,8) ou a “inteligência” (Pr 2,11).

Pensando, porém, no ser humano e/ou no povo, atribui-se, pede-se ou nega-se a este a qualidade de “guardar”, “preservar” ou “observar” algo. Vale lembrar dos levitas ou o fiel como quem deve “guardar a aliança” (Dt 33,9; Sl 25,10), o homem que deve “guardar sua língua” ou “sua boca” (Sl 34,14; Pr 13,3), o israelita que deve “guardar”, “observar”, “preservar” ou “seguir os mandamentos”, as “instruções”, as “normas”, as “prescrições”, as “ordens” ou os “testemunhos” de seu Deus (Sl 78,7; 105,45;

119,2.22.33.34.56.69.100.115.129.145; Pr 3,1), a pessoa que deve “guardar” o “bom senso” (Pr 3,21), o “conhecimento” (Pr 5,2), “o mandamento do pai e a instrução da mãe” (Pr 6,20; 28,7), “o caminho” no sentido de “comportamento ético” (Pr 16,17) ou até a “figueira” (Pr 27,18). Assim, também valores são descritos como “guardiões” ou capazes de “preservar” o homem e/ou o rei: no caso, a “integridade” e a “retidão” (Sl 25,21), a “sabedoria” e o “entendimento” (Pr 4,6), a “correção” (Pr 4,13), a “prática da justiça” (Pr 13,6) ou a “lealdade” e a “verdade” (Pr 20,28). Finalmente, determinadas pessoas podem ser contempladas como quem “sobrou”, “foi guardado” ou “ficou como resto”, a fim de Deus agir com ele (ver הַנִּצֹּרִים em Ez 6,12).

Diante desses paralelismos, pode-se contemplar Jesus de *Nazaré* ou Jesus *nazareno* como *guardião divino*, como *homem guardião* ou como *quem foi guardado*. Na literatura poética, as palavras, pois, suscitam alusões por causa de paralelismos. Também o texto epigrafado no letreiro de Pilatos se encaixa nessa realidade.

Enfim, percebe-se que a identificação de Jesus como “o nazareno” (v. 19d: Ἰησοῦς ὁ Ναζωραῖος) pode adquirir significativa relevância teológica, uma vez que a palavra em questão abre espaço para as seguintes conotações: (a) Jesus é de *Nazaré*; (b) Jesus é alguém insignificante que, por mais atento que tenha sido aos mandamentos na Torá, representa uma pequenez hilária ante o Império Romano ou mesmo àquilo que Jerusalém pretende ser; (c) Jesus pode ser contemplado como *consagrado*, *reberto messiânico* e/ou *guardião divino*, *homem guardião*, observador e preservador da vontade divina ou, simplesmente, alguém *guardado* por e para Deus. No caso da *consagração*, o Evangelho segundo João salientaria apenas o quanto Jesus pertence a Deus, o quanto lhe cabe a mesma santidade – acolhendo-se o eventual paralelismo entre Mt 2,23 e Jz 13,5.7 – e, com isso, o quanto ele é Deus,.

Para o ouvinte-leitor do Evangelho segundo João, as diversas conotações da palavra *nazareno* se misturam e se completam mutuamente, sendo que se alcança uma profundidade teologicamente incomparável no momento em que se procura pela carga semântica das palavras *Nazaré* e/ou *nazareno*. Pilatos, governador e juiz romano a quem é atribuída a autoria do texto no letreiro fixado na cruz, possivelmente tenha pensado apenas nas humildes origens geográficas de Jesus. Conhecendo ou não o lugar, *Nazaré* não lhe podia ser algo a que coubesse maior importância. Com isso, até se pode

imaginar que Pilatos via nisso apenas mais uma oportunidade de zombaria e/ou de discriminação.⁷¹ Diferentemente, porém, o ouvinte-leitor do Evangelho, com seu interesse religioso em Jesus, pode descobrir na *nazarenidade* dele uma mensagem divina de maior relevância.

Diante do que foi estudado aqui, surpreende que diversos Comentários modernos sobre o Evangelho segundo João nada explorem sobre "Jesus" ser chamado de "o nazareno" (v. 19d) no letreiro de Pilatos.⁷² Outros explorem pouco o termo. Becker vê aqui apenas uma "indicação das origens de Jesus", algo "comum no cristianismo primitivo", sobretudo diante do fato de que os cristãos-judeus eram chamados de "nazarenos" (At 24,5).⁷³ Haenchen imagina que o letreiro de Pilatos seja uma "glorificação" de Jesus, sem, porém, indicar as razões para tal interpretação, afirmando apenas que a derivação do vocábulo nazareno de Nazaré é insegura.⁷⁴ Mateus e Barreto lembram a possibilidade de "o nazareno" ser o "rebento de Davi", no entanto, sem nenhuma explicação.⁷⁵ Também é assim nos estudos monográficos: Brown apenas afirma que, "na proclamação" de Jesus como nazareno, existe "a formalidade de 'Tibério César'", sem, no entanto, explicar o significado desse detalhe para o letreiro de Pilatos e/ou para a narrativa em Jo 19,19-22.⁷⁶ Bösen (2018), por sua vez, nem aborda o letreiro de

⁷¹ Cf. Francisca Antonia de Farias GRENZER, "Porventura, sou eu um judeu?" (Jo 18,35b): resquício de uma distinção discriminatória de Pilatos, p. 107-112.

⁷² Cf. Siegfried SCHULZ, *Das Evangelium nach Johannes*, p. 234; Barnabas LINDARS, *The Gospel of John*, p. 576; Raymond E. BROWN, *The Gospel according to John (XIII-XXI): Introduction, Translation and Notes*, p. 919-920; Klaus WENGST, *Das Johannesevangelium: 2. Teilband*, p. 251-252; Jorge R. BAESLEY-MURRAY, *John*, p. 346; Dwight Moody SMITH, *John*, p. 357; Christian DIETZFELBINGER, *Das Evangelium nach Johannes: Teilband 2; Johannes 13-21*, p. 297-298; Craig S. KEENER, *The Gospel of John: a Commentary*, p. 1136-1138; Mark W. G. STIBBE, *John*, p. 193-198; Leon MORRIS, *The Gospel according to John*, p. 713; Donald Arthur CARSON, *The Gospel according to John*, p. 610-611; Charles Kingsley BARRETT, *Das Evangelium nach Johannes*, p. 527-528; Udo SCHNELLE, *Das Evangelium nach Johannes*, p. 285-286; J. Ramsey MICHAELS, *The Gospel of John*, sem página; Johannes BEUTLER, *Evangelho segundo João: comentário*, p. 437-438; Johan KONINGS, *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 387; Cláudio Vianney MALZONI, *Evangelho segundo João*, p. 288; Ludger SCHENKE, *Das Johannesevangelium: vom Wohnen Gottes unter uns*, p. 202-208; Frederick Fyvie BRUCE, *João: introdução e comentário*, p. 314-315; Felix PORSCHE, *Das Johannesevangelium*, p. 719.

⁷³ Jürgen BECKER, *Das Evangelium nach Johannes*, p. 587.

⁷⁴ Ernst HAENCHEN, *Das Johannesevangelium: ein Kommentar*, p. 551.

⁷⁵ Juan MATEUS; Juan BARRETO, *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 797.

⁷⁶ Raymond E. BROWN, *A morte do Messias: comentário das narrativas da Paixão nos quatro Evangelhos*, p. 122.

Pilatos.⁷⁷ Também o *Dicionário del Mundo Joánico* não investe num verbete próprio sobre o letreiro de Pilatos e, quando aborda os “episódios em torno da cruz”, não explora a questão de Jesus ser apresentado como “o nazareno” (Jo 19,19d).⁷⁸

Seja ainda resumido no final que o *Evangelho segundo João*, em quatro momentos, procura pelas origens de Jesus em Nazaré. Ora Felipe, ao encontrar Natanael, diz a este último: "Encontramos aquele de quem escreveram Moisés na lei e os profetas: 'Jesus, filho de José, o de Nazaré (Ἰησοῦν υἱὸν τοῦ Ἰωσήφ τὸν ἀπὸ Ναζαρέτ)' (Jo 1,45), sendo que Natanael pergunta de volta: "De Nazaré (Ἐκ Ναζαρέτ) pode vir algo de bom?" (Jo 1,46). Mais tarde, ao serem perguntados por Jesus sobre quem estariam procurando, Judas, os soldados que formam a *coorte romana* e os *guardas dos sumos sacerdotes e dos fariseus* (cf. Jo 18,3) respondem: "Jesus, o nazareno (Ἰησοῦν τὸν Ναζωραῖον)" (Jo 18,5.7). Finalmente, lê-se no letreiro de Pilatos: "Jesus, o nazareno (Ἰησοῦς ὁ Ναζωραῖος)" (Jo 19,19). Diante dessas notícias oferecidas pelo Quarto Evangelho, pode-se chegar à seguinte observação:

"João conhece a expectativa judaica do nascimento em relação ao nascimento do governador messiânico em Belém (Mq 5,1) e, provavelmente, também a tradição judaico-cristã referente ao nascimento de Jesus em Belém, a qual foi trabalhada por Mateus e Lucas nas narrativas deles sobre a infância de Jesus. O quarto evangelista cita tal expectativa pela boca dos opositores de Jesus [cf. Jo 7,42], mas, de forma irônica, não a comenta. Isso, por sua vez, não significa que João queira confirmar o nascimento de Jesus em Belém. A tradição belemita lhe é duplamente estranha: historicamente, ela é incorreta e ela impede, sobretudo, a visão a respeito da origem celeste de Jesus".⁷⁹

A preocupação neste estudo, no entanto, não se dirige à questão sobre onde Jesus nasceu – em Nazaré, na *Galileia*, ou em Belém, na *Judeia* –, mas visa ao que "Nazaré" (Jo 1,45-46: Ναζαρέτ) histórica e teologicamente representa, em especial quando Jesus é chamado de "nazareno" (cf. Jo 18,5.7: τὸν Ναζωραῖον [substantivo declinado como acusativo singular masculino] e Jo 19,19: ὁ Ναζωραῖος [substantivo declinado como

⁷⁷ Cf. Willibald BÖSEN, *Für uns gekreuzigt?: Der Tod Jesu im Neuen Testament*.

⁷⁸ Felipe Ramos FERNÁNDEZ, *Diccionario del Mundo Joánico: Evangelio – Cartas – Apocalipsis*, p. 175.

⁷⁹ Christoph HEIL, *Jesus aus Nazaret oder Betlehem? Historische Tradition und ironischer Stil im Johannesevangelium*, p. 241-263 [itálico meu].

nominativo singular masculino]). Na prática, a expressão *o nazareno* parece funcionar como um *conome* de Jesus, a fim de, dessa forma, identificá-lo mais facilmente.⁸⁰ Contudo, como descrito acima, tal conome traz significativas *conotações simbólicas e representatividades* consigo.

2.4 O rei dos judeus

De acordo com as narrativas nos quatro Evangelhos neotestamentários, lê-se na *epígrafe* ou no *letreiro*, com autoria atribuída a Pilatos, a seguinte informação sobre Jesus: “o rei dos judeus” (Mt 27,37; Mc 15,26; Lc 23,38; Jo 19,19). O vocábulo, na forma masculina “rei” (βασιλεύς) e na forma feminina “rainha” (βασίλισσα), aparece sessenta e duas vezes nos quatro Evangelhos. Uma vez a palavra “rei” se refere a Deus (Mt 5,35). No mais, revela o contraste entre os *reis* comumente existentes e Jesus.

De um lado, são mencionadas figuras historicamente identificáveis chamadas de “rei” ou “rainha”: Davi (Mt 1,6), Herodes (Mt 2,1.3.6; Lc 1,5) e Herodes Antipas (Mt 14,9; Mc 6,14.22.25.26.27). Junta-se a isso o fato de que os sumos sacerdotes, aparentemente, visavam à realeza do imperador romano, quando dizem a Pilatos: “Não temos um rei senão César!” (Jo 19,15). E seja lembrada também “a rainha do Sul” pertencente à época de Salomão, citada por Jesus no Evangelho segundo Mateus (Mt 12,42; 11,31). Além disso, no entanto, os Evangelhos trazem a figura do *rei* sem nomeá-lo, representando-o como figura emblemática e/ou simbólica, bem como destacando-lhe, em diversos momentos, um comportamento condenável. Nesse sentido, as narrativas imaginam “reis em palácios, acompanhados de pessoas com roupas elegantes”, bem diferentes de João Batista (Mt 11,8), “reis que cobram tributos e impostos” (Mt 17,25) ou “reis que dominam seus povos” (Lc 22,25). Cabem nessa categoria também aqueles “governadores e reis” que irão julgar os discípulos de Jesus (Mt 10,18; Mc 13,9; Lc 21,12). Ademais, assemelham-se a esses o “rei que combate outro rei” (Lc 14,31^{2x}), o “rei que resolve acertar as contas com seus servos” (Mt 18,23), ou o “rei que preparou as bodas de seu filho”, mas depois “se enfureceu” com suas decepções (Mt 22,2.7.11.13). Enfim, “reis” até podem “querer ver” o que “veem os discípulos” de

⁸⁰ Cf. Walter BAUER, *Wörterbuch zum Neuen Testament*, p. 1077.

Jesus (Lc 10,23-24), no entanto, o exercício de um poder baseado na força militar e em políticas opressivas e desrespeitosas aos demais, em princípio, parece ser algo incompatível com o Reino de Deus anunciado por Jesus.

De outro lado, porém, os quatro Evangelhos, com base nessas experiências históricas e, com isso, nas imagens negativas em relação à figura do *rei*, persistem na realeza de Jesus. Trinta e quatro das sessenta e três presenças dos vocábulos “rei” e “rainha” se referem a Jesus: ora na expectativa de que ele, como “rei”, seja o cumprimento das esperanças messiânicas (Mt 21,5; Lc 19,38; Jo 6,15; 12,13.15), ora como “rei” escatológico que, ao vir em sua glória, julgará as nações sentado em seu trono (Mt 35,34.40). Também os magos do Oriente (Mt 2,2) e Natanael (Jo 1,49) chamam Jesus de “rei”. No entanto, Jesus é dito “rei”, sobretudo, no contexto de sua paixão: ora por Pilatos – tanto oralmente (Mt 27,11; Mc 15,2.9.12; Lc 23,3; Jo 18,33.37.39; 19,14.15) como por escrito (Jo 19,21) –, ora Jesus mesmo, em resposta ao governador romano, destaca o que Pilatos repetidamente afirma: “Tu dizes que eu sou rei!” (Jo 18,37), ora pelos soldados romanos (Mt 27,29; Mc 15,18; Lc 23,37; Jo 19,3), ora pelos sumos sacerdotes, escribas e/ou anciãos (Mt 27,42; Mc 15,32). São também estes últimos e os judeus naquele momento presentes que, diante de Pilatos, acusam Jesus de “ter-se dito rei” (Lc 23,2; Jo 19,12.21). Finalmente, a inscrição fixada na cruz, de forma silenciosa, apresenta Jesus como “rei” (Mt 27,37; Mc 15,26; Lc 23,38; Jo 19,19).

Ainda há outras formas de os Evangelhos insistirem em Jesus como *rei*. Por exemplo, ao visar-se à relação entre Davi e Jesus. Como figura notável que deu origem à uma dinastia e que representa a transformação da sociedade israelita, até então descentralizada, não hierárquica e, portanto, mais igualitária, em uma monarquia e, com isso, em um estado com um rei à sua frente, Davi (1006-964 a.C.) é o representante principal da *realeza* dentro da cultura religiosa de Israel. Consequentemente, ao chamá-lo de “filho de Davi” (Mt 1,1; 9,27; 12,23; 15,22; 20,30.31; 21,9.15; Mc 10,47.48; Lc 18,38.39), os Evangelhos persistem na ideia de Jesus, via José (Mt 1,20; Lc 1,27; 2,4), pertencer à linhagem de Davi e, portanto, ser herdeiro do reino de Davi (Mc 11,10; Lc 1,32), sendo ele, assim, o legítimo *rei* de Israel. Semelhantemente, chamar Jesus de *Cristo* (Χριστός) ou *Messias* (Μεσσίας) significa reconhecê-lo como *rei ungido*. Outro momento em que Jesus é apresentado como *rei* ocorre quando ele recebe determinadas insígnias reais, mesmo que a intenção seja humilhá-lo: ver a “coroa” (Mt 27,29; Mc

15,17; Jo 19,2.5), “o manto púrpura” (Mc 15,17.20; Jo 19,2.5) ou o “caniço” como cetro “na mão direita” (Mt 27,29.30).

A quem, por sua vez, se estende a *realiza* de Jesus? Inicialmente, chama a atenção do ouvinte-leitor que Jesus, nos quatro Evangelhos, é nomeado dezoito vezes “o rei dos judeus” (ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων), inclusive na epígrafe ou no letreiro fixado na cruz (Mt 2,2; 27,11.29.37; Mc 15,2.9.12.18.26; Lc 23,3.37.38; Jo 18,33.39; 19,3.19.21^{2x}), e ainda, quatro vezes, “rei de Israel” (Mt 27,42; Mc 15,32; Jo 1,49; 12,13), pressupondo-se que o povo judeu se entendia como Israel. Portanto, eis a relação a ser enxergada.

O adjetivo grego Ἰουδαῖος, -α, -ov, compreendido em geral como “judeu” ou “judia” (At 16,1; 24,24) – e, raramente, como “alguém da região ou terra da Judeia” (Mc 1,5; Jo 3,22) –, aparece oitenta e oito vezes nos quatro Evangelhos. Somente no Evangelho segundo João, os *judeus* aparecem setenta e uma vezes. O termo ora se refere individualmente a uma pessoa, ora às autoridades, ora ao povo que se encontra, sobretudo, nas terras da Judeia e da Galileia. Existe, no entanto, uma distância entre judeus e samaritanos, embora estes últimos acreditem no mesmo Deus e guardem os cinco livros da Torá como suas Sagradas Escrituras. O próprio Jesus ora é chamado de “judeu” (Jo 4,9), ora é xingado de “samaritano” (Jo 8,48), sendo ele mesmo atingido por esse conflito.

Nos Evangelhos, os *judeus* são identificados com sua religião. Nesse sentido, eles são mencionados junto às suas “festas” (Jo 5,1), como a “páscoa” (Jo 2,13; 6,4; 11,55), com o “dia da preparação” dela (Jo 19,31.42), e as “tendas” (Jo 7,2.11).⁸¹ Existem costumes particulares aos “judeus” como “lavar as mãos” (Mc 7,3), como a presença de “talhas para a purificação” (Jo 2,6) e como uma forma específica de “sepultamento” (Jo 19,40). No mais, os “judeus” observam o “sábado” (Jo 5,10.16.18) e se reúnem em “sinagogas” e no “templo” (Jo 2,20; 9,22; 18,20). Existem também as autoridades dos “judeus”: “anciãos” (Lc 7,3), “sumos sacerdotes” (Jo 19,21), “sacerdotes” (Jo 1,19), “levitas” (Jo 1,19), o “magistrado” (Jo 3,1) e, como estudado aqui, o *rei*. Sobretudo, porém, os “judeus” têm sua “lei” (Jo 19,7), sendo que, com sua intenção de segui-la, também são sensíveis à questão da “blasfêmia” (Jo 10,33) e a linguagens que atingem a compreensão de Deus e o modo de alguém se compreender em relação a Deus (Jo 5,18;

⁸¹ Cf. Gilvan Leite de ARAÚJO, **História da festa judaica das Tendas**.

6,41.52). No mais, os “judeus” esperam pelo “cristo” (Jo 10,24). E é, por excelência, diante dessa esperança messiânica relacionada a Jesus que os “judeus” ora “creem” (Jo 11,45; 12,11), ora “não creem” (Jo 9,18).

Ao mesmo tempo, os *judeus* enfrentam uma situação política nada tranquila, quando Jesus anuncia seu Evangelho do Reino de Deus, com “Pôncio Pilatos como governador da Judeia”, estendendo-se a jurisdição dele à Samaria, e com “Herodes” Antipas como “tetrarca da Galileia” e da Pereia (Lc 3,1). Desde 63 a.C., toda essa região se encontrava subjugada ao Império Romano. Em princípio, tanto *Herodes Antipas* como *Pilatos* estão a serviço de Roma.⁸² No mais, fazia séculos que, culturalmente, ocorria um amplo processo de *helenização*, o qual também resultava em novas cidades helênico-romanas, ao lado das “cidades dos judeus” (Lc 23,51).⁸³ Sobretudo, porém, o povo judeu sofria com os tributos e os impostos exigidos pelo Império Romano, pagos enquanto o povo local tinha suas terras violentamente ocupadas e exploradas pelo poder estrangeiro.⁸⁴

Mais ainda, desde a morte de Herodes, o Grande, no ano 4 a.C., não existia e nem podia existir mais um “rei dos judeus” (Mt 27,37; 15,26; Lc 23,38; Jo 19,19), personagem apresentada na inscrição fixada na cruz de Jesus. Pelo fato de “a realeza clientelística não ser automaticamente hereditária”, os filhos de Herodes – Arquelau como *etnarca* da Judeia, Idumeia e Samaria; Herodes Antipas como *tetrarca* da Galileia e Pereia; Felipe como *tetrarca* de regiões na Transjordânia – já não eram mais autorizados a usarem o título *rei*.⁸⁵ E jamais Pilatos poderia permitir o exercício da *realeza* a qualquer judeu. Ao contrário, “cabe-lhe, como prefeito da província romana da Judeia e como representante maior do Império na região, fazer a distinção entre romanos e judeus”, no sentido de “guardar o pressuposto romano da inferioridade do povo subjugado”, evidenciando, assim, “que a condição política do povo judeu se caracterizava pela

⁸² Em relação ao tetrarca da Galileia, cf. Harold W. HOEHNER, **Herod Antipas: a Contemporary of Jesus Christ**.

⁸³ Sobre o processo de helenização, cf. Martin HENGEL, **The “Hellenization” of Judaea in the first century after Christ**; Louis H. FELDMAN; Meyer REINHOLD, **Jewish Life and Thought among Greeks and Romans: Primary Readings**.

⁸⁴ No que se refere ao sistema de impostos e tributos nas províncias do império Romano, cf. Werner STENGER, **“Gebt dem Kaiser, was des Kaisers ist...!”: Eine sozialgeschichtliche Untersuchung zur Besteuerung Palästinas in neutestamentlicher Zeit**.

⁸⁵ Melanie PEETZ, **Das biblische Israel: Geschichte – Archäologie – Geographie**, p. 258.

limitação da soberania”.⁸⁶ Em vista disso, a *epígrafe* ou o *letreiro* na cruz, com o anúncio de que Jesus seria “o rei dos judeus” (Mt 27,37; 15,26; Lc 23,38; Jo 19,19), não passa de deboche e humilhação, tanto em relação ao Crucificado como no que se refere ao povo judeu e às lideranças dele. Junto a isso, nasce também o pensamento de que um *judeu galileu*, provavelmente, jamais se tornaria *rei dos judeus*. Contudo, de acordo com as palavras do próprio Jesus, dirigidas a Pilatos, “seu reino não seria desse mundo” (Jo 18,36).

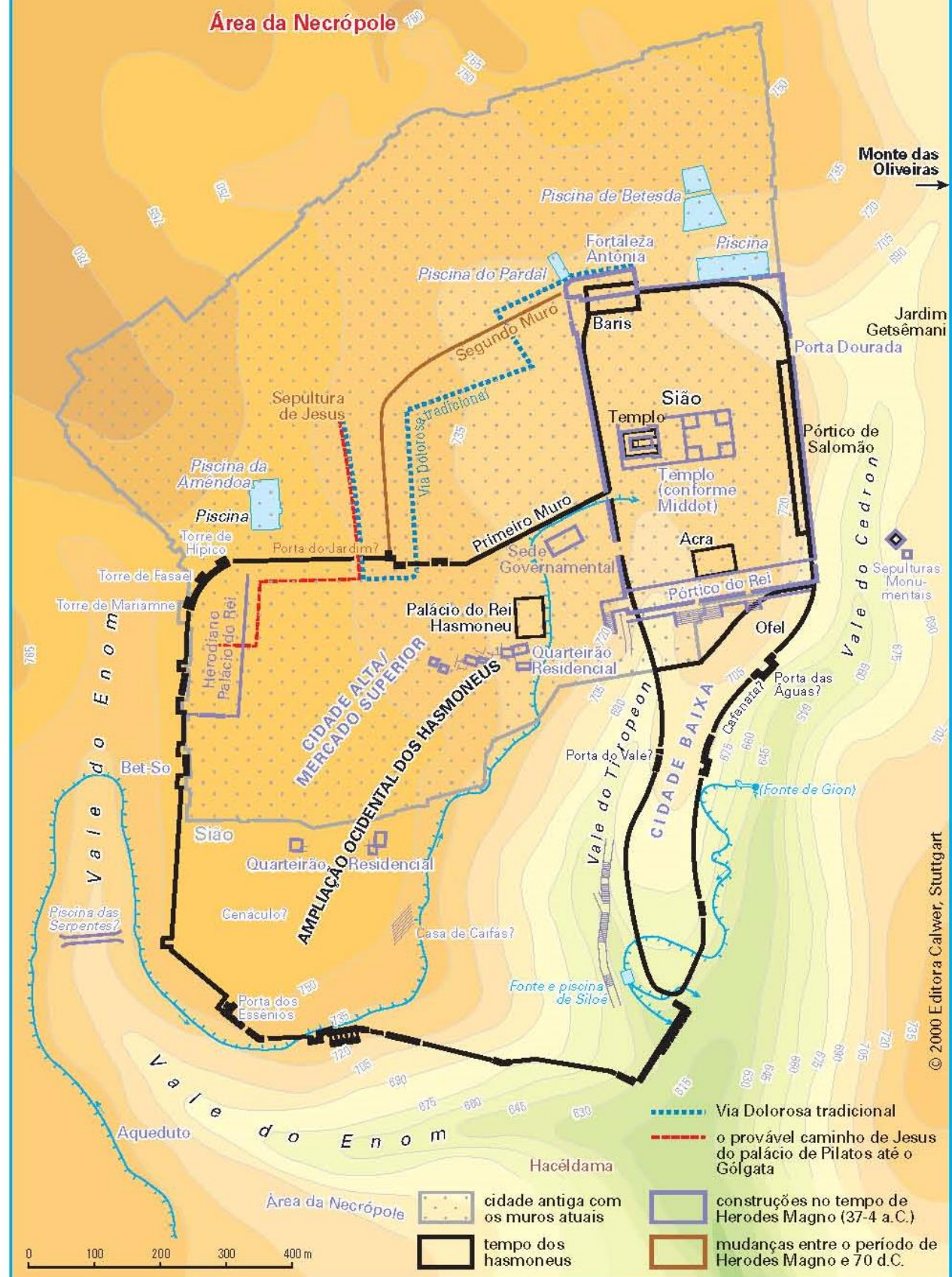
2.5 O lugar da crucificação

"Muitos dos judeus, pois, leram esse letreiro, visto que o lugar onde Jesus fora crucificado ficava próximo à cidade" (v. 20a-c). Com essa informação, o Evangelho segundo João realça a localização geográfica da crucificação e, com isso, a visibilidade do *letreiro* para um maior número de espectadores judeus. Onde, porém, estava mais exatamente "o lugar" (ὁ τόπος) "perto" (ἐγγύς) "da cidade" (τῆς πόλεως), mencionado no v. 20b? Para que as seguintes explicações sejam mais facilmente compreensíveis, eis a reprodução de um mapa:⁸⁷

⁸⁶ Francisca Antonia de Farias GRENZER, "**Porventura, sou eu um judeu?**" (Jo 18,35b): **resquício de uma distinção discriminatória de Pilatos**, p. 111.

⁸⁷ Wolfgang ZWICKEL, **Atlas Bíblico**, p. 41 (mapa 16b).

Jerusalém no tempo neotestamentário



"Hoje, existe um consenso de opinião entre os pesquisadores de que o julgamento de Jesus ocorreu no palácio de Herodes".⁸⁸ Tal palácio se encontrava "no norte da cidade alta", com as "três torres asmoneias" chamadas de Torre de Mariamne, Torre de Fasaél e Torre de Hípico.⁸⁹ "Aqui se instalava Pôncio Pilatos quando vinha para os dias festivos em Jerusalém, e não na fortaleza Antônia", sendo que esta última se encontrava "na área contígua ao norte do templo".⁹⁰ Em geral, pois, Pilatos não residia em Jerusalém, mas em Cesareia do Mar.

O termo "pretório" (πραιτώριον) designava a residência de um procurador romano em uma província romana. O substantivo latim *praetor* indica um líder, uma vez que deriva do verbo *praeire*, o qual pode ser traduzido como *preceder* ou *caminhar à frente*. Como cabia ao *procurador* romano a *jurisdição*, em especial no caso de crimes capitais, o *pretório* se tornava lugar de julgamentos. O *pretório* em Jerusalém, "dentro do palácio" (Mc 15,16) de Herodes, é mencionado seis vezes nos Evangelhos (Mt 27,27; Mc 15,16; Jo 18,28^{2x}.33; 19,9).

A *crucificação* de Jesus, por sua vez, ocorreu, conforme o testemunho dos Evangelhos, no "lugar do crânio" ou "calvário" (cf. a expressão Κρανίου Τόπον em Mt 27,33; Mc 15,22; Jo 19,17 e Κρανίον em Lc 23,33), "dito Gólgota em hebraico" (Jo 19,17 ; Mt 27,33; Mc 15,22). A palavra hebraica (גִּלְגֹּתָא) significa *crânio* (κρανίον = caveira, crânio), sendo que se deve imaginar uma *colina*, ou seja, uma *elevação redonda* de terra. Noticia-se que "conduziram" e/ou "levaram Jesus a tal lugar" (Mc 15,21; Mt 27,31; Lc 23,26.32). Quer dizer, Jesus "saiu" do pretório e, "carregando sua cruz", foi "rumo ao lugar do calvário" (Jo 19,17), onde os soldados romanos "o crucificaram" (Jo 19,18). Portanto, existe certa distância entre o *pretório*, lugar do julgamento, e o *calvário* ou *Gólgota*.

Essa distância, porém, é pequena: algo em torno de quinhentos metros. Conforme as tradições antigas do cristianismo, *Gólgota* se encontrava onde, até hoje, pode visitar-se a *Basílica do Santo Sepulcro*, igreja construída, a partir de 330 d.C., por ordem do

⁸⁸ Shimon GIBSON, **The Trial of Jesus at the Jerusalem Praetorium: New Archaeological Evidence**, p. 108.

⁸⁹ Wolfgang ZWICKEL; Renate EGGER-WENZEL; Michael ERNST, **Herders Neuer Bibelatlas**, p. 294.

⁹⁰ Wolfgang ZWICKEL, **Atlas Bíblico**, p. 40.

imperador romano Constantino. Antes disso, encontrava-se neste mesmo lugar um templo dedicado à Afrodite, elevado no tempo de *Aelia Capitolina*, colônia romana fundada, no ano de 130 d.C., em Jerusalém pelo imperador Adriano.⁹¹ Todavia, o *calvário* ou *Gólgota* se encontrava fora dos muros que, no ano da morte de Jesus, circundavam a cidade. No entanto, embora fora da Jerusalém fortificada, "o lugar estava perto da cidade" (v. 20b), o que favorecia que "muitos dos judeus" (v. 20a) estavam ali e, portanto, chegaram a "ler o letreiro" (v. 20a), "escrito e fixado sobre a cruz por Pilatos" (v. 19a-b).

2.6 As três línguas

A partir de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), ocorreu o processo de *helenização* no Egito e no Oriente Próximo. Com isso, houve um amplo processo de intercâmbios e diálogos entre as culturas. E tal dinâmica apenas continuou quando os romanos, no decorrer do século II a.C., conquistaram a Grécia para si e estenderam seu poder ao mundo em torno do Mar Mediterrâneo. Os contatos entre *gregos*, *romanos* e *judeus* se deram tanto na região da Palestina como nas outras regiões em questão, pois existia vida judaica em todas as partes por meio dos judeus que viviam na diáspora. Enfim, é possível observar amplos diálogos culturais, inclusive religiosos, como convivências conflituosas capazes de resultarem em violência e guerra.⁹²

Qualquer intercâmbio ou diálogo intercultural, por sua vez, passa pelo uso das diversas línguas. Nesse sentido, não surpreende que o *letreiro* de *Pilatos*, conforme o que somente é narrado no Evangelho segundo João, "estava escrito em hebraico, latim e grego" (v. 20d: ἡν γεγραμμένον Ἑβραϊστί, Ῥωμαϊστί, Ἑλληνιστί). De um lado, o trilinguismo talvez indique a convivência entre pessoas de diferentes culturas na cidade de Jerusalém e/ou como Pilatos e o Império Romano compreendiam o exercício de seu domínio. De outro lado, porém, parece caber a cada uma das três línguas mencionadas uma representação específica.

⁹¹ Cf. Avraham NEGEV; Shimon GIBSON, *Golgotha*, p. 208.

⁹² Cf. Louis H. FELDMAN; Meyer REINHOLD, *Jewish Life and Thought among Greeks and Romans: Primary Readings*.

Assim, pode proporcionar a seguinte compreensão: "o hebraico é a língua das Escrituras; o latim, a língua do império; e o Grego, a língua da cultura helenística – ou seja, trata-se das línguas de religião, estado e cultura".⁹³ Com isso, aparece a abrangência da verdade que se manifesta no crucificado: ele é o messias para o mundo inteiro. "Pode-se notar o paralelismo com a experiência de Pentecostes: cada um escutava em sua língua. Jesus é o Rei dos Judeus, mas sua morte é significativa para todas as pessoas".⁹⁴ Ou seja, as três línguas no letreiro de Pilatos indicam a *universalidade* do acontecimento salvífico.

2.7 Os sumos sacerdotes

Os "sumos sacerdotes" (v. 21a: ἀρχιερεῖς) são mencionados uma vez no episódio de Jo 19,19-22. É uma de vinte e uma menções desse grupo no Quarto Evangelho (Jo 7,32.45; 11,47.49.51.57; 12,10; 18,3.10.13.15^{2x}.16.19.22.24.26.35; 19,6.15.21). Em todo o Novo Testamento, os *sumos sacerdotes* ganham cento e vinte e duas presenças.⁹⁵

Além dos *sumos sacerdotes*, sendo eles os sacerdotes que ocupam o lugar mais alto na hierarquia sacerdotal, o Quarto Evangelho também menciona, em Jo 1,19, uma vez os "sacerdotes" (ιερεῖς) e uma vez os "levitas" (Λευίτας). Os "levitas" como *descendentes de Levi* aparecem somente três vezes no Novo Testamento (Lc 10,32; Jo 1,19; At 4,36). Os "sacerdotes", por sua vez, responsáveis pela celebração dos sacrifícios e levitas de descendência, aparecem trinta e três vezes nos escritos neotestamentários (Mt 8,4; 12,4.5; Mc 1,44; 2,26; Lc 1,5; 5,14; 6,4; 10,31; 17,14; Jo 1,19; At 4,1; 6,7; 14,13; Hb 5,6; 7,1.3.11.14.15.17.20.21.23; 8,4; 9,6; 10,11.21; Ap 1,6; 5,10; 20,6). Nesse contexto, sejam mencionados também os "capitães do templo" (στρατηγοίς), os quais, na

⁹³ R. Alan CULPEPPER, **The Theology of the Johannine passion narrative: John 19:16b-30**, p. 24.

⁹⁴ R. Alan CULPEPPER, **The Theology of the Johannine passion narrative: John 19:16b-30**, p. 24.

⁹⁵ Em relação ao desenvolvimento da instituição do sumo sacerdócio no período dos macabeus, cf. Maria BRUTTI, **The Development of the High Priesthood during the pre-Hasmonean Period: History, Ideology, Theology**. Sobre Caifás, o sumo sacerdote no ano da morte de Jesus, e Anás, sogro de Caifás (Jo 18,13), cf. Rainer METZNER, **Kaiphos – der Hohepriester jenes Jahres: Geschichte und Deutung**.

hierarquia do templo de Jerusalém, ocupam a segunda posição após o *sumo sacerdote*. No entanto, tais *capitães* ganham menções somente na obra lucana (Lc 22,4.52; At 4,1; 5,24.26; 16,20.22.35.36.38).⁹⁶

Além dos *sumos sacerdotes*, *sacerdotes* e *levitas*, personagens e autoridades ligadas ao Templo e, com isso, ao culto, o Evangelho segundo João menciona, com certo realce na sociedade judaica, a figura do "ancião" (πρεσβύτερος), justamente por tratar-se de alguém *mais avançado em idade*, mais idoso do que seu irmão (Lc 15,25). No entanto, existe apenas uma menção do "ancião" no Quarto Evangelho (Jo 8,9), enquanto esse personagem aparece mais vezes nos outros três Evangelhos: doze vezes em Mateus (Mt 15,2; 16,21; 21,23; 26,3.47.57; 27,1.3.12.20.41; 28,12), sete vezes em Marcos (Mc 7,3.5; 8,31; 11,27; 14,43.53; 15,1) e cinco vezes em Lucas (Lc 7,3; 9,22; 15,25; 20,1; 22,52). O mesmo fenômeno pode ser observado referente aos "escribas" (γραμματεῖς): enquanto eles são mencionados apenas uma vez no Evangelho segundo João (Jo 8,3), há vinte e duas presenças dos escribas no Evangelho segundo Mateus (Mt 2,4; 5,20; 7,29; 8,19; 9,3; 12,38; 13,52; 15,1; 16,21; 17,10; 20,18; 21,15; 23,2.13.15.23.25.27.29.34; 26,57; 27,41), vinte e uma presenças no Evangelho segundo Marcos (Mc 1,22; 2,6.16; 3,22; 7,1.5; 8,31; 9,11.14; 10,33; 11,18.27; 12,28.32.35.38; 14,1.43.53; 15,1.31) e quatorze presenças no Evangelho segundo Lucas (Lc 5,21.30; 6,7; 9,22; 11,53; 15,2; 19,47; 20,1.19.39.46; 22,2.66; 23,10). Mais ainda: também para o "Sinédrio" (συνέδριον), formado "inteiramente" (Mc 15,1) por "sacerdotes" (ἀρχιερεῖς), "escribas" (γραμματεῖς) e "anciãos" (πρεσβύτεροι), somente se encontra uma referência no Evangelho segundo João (Jo 11,47), enquanto essa instituição representativa do povo judeu é mencionada sete vezes nos outros três Evangelhos (Mt 5,22; 10,17; 26,59; Mc 13,9; 14,55; 15,1; Lc 22,66).

Com isso, surge o seguinte resultado: com vinte e uma menções, os *sumos sacerdotes* ganham maior destaque no Evangelho segundo João, sobretudo quando comparados aos *sacerdotes*, aos *levitas*, aos *anciãos* e aos *escribas*, os quais são mencionados uma só vez cada um. Ou seja, em relação às lideranças em meio ao povo judeu, o interesse do Quarto Evangelho se dirige aos representantes mais altos ligados ao Templo de Jerusalém.

⁹⁶ Cf. Knut BACKHAUS, *Hohepriester*, p. 2.

Com isso, o episódio em Jo 19,19-22 sobre o letrado de Pilatos ganha uma importância própria por aqui ocorrer a última das vinte e uma presenças – três vezes sete! – dos "sumos sacerdotes" no Quarto Evangelho (v. 21a: ἀρχιερείς). Segundo o que é narrado pelo Quarto Evangelho, esses últimos se envolveram numa controvérsia com *Pilatos*. Após terem lido a inscrição do governador romano, "os sumos sacerdotes dos judeus diziam a Pilatos: “Não escrevas ‘O rei dos judeus’, mas que aquele disse: ‘Sou o rei dos judeus!’” (v. 21a-e). No entanto, a resposta que Pilatos lhes ofereceu foi curta é marcante: “O que escrevi, escrevi!” (v. 22b). Com isso, Pilatos prevaleceu no conflito entre as duas autoridades.

Seja também lembrado aqui que o *sumo sacerdote*, autoridade maior entre os judeus, a quem também cabia presidir o *sinédrio* formado por setenta membros e representar os judeus frente ao procurador romano, era nomeado por este último. Aliás, "diante da prática da ocupação do cargo até então, surpreende o mandato longo de Caifás", o qual foi sumo sacerdote durante dezesseis anos, sendo que "Valério Grato", antecessor de Pilatos nos anos 15 a 26 d.C., "não tinha deixado nenhum dos antecessores de Caifás por mais do que três anos em sua função (cf. Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 18,34s)".⁹⁷ Portanto, em princípio, não parece ter existido maiores conflitos entre *Pilatos* e o *sumo sacerdote* Caifás. Em vista disso, a controvérsia entre os *sumos sacerdotes* e *Pilatos* nos v. 21-22 não é tão conflitante. Pelo contrário, parece até ter existido um consenso entre os dois lados. Enquanto *Pilatos*, por meio de seu *letrado*, apenas afirmara de forma irônica e zombando que Jesus seria "o rei dos judeus" (v. 19d.21c), os *sumos sacerdotes* queriam que ficasse claro que Jesus apenas se disse "rei dos judeus" (v. 21e), sem nunca o ter sido verdadeiramente. Portanto, ambas as autoridades, *Pilatos* e os *sumos sacerdotes*, negavam a realeza de Jesus.

2.8 Segundos resultados

No segundo Capítulo dessa Dissertação, as intenções foram estudar o *contexto histórico* pressuposto e narrado pelo episódio em questão (Jo 19,19-22) e descobrir a *reflexão*

⁹⁷ Rainer METZNER, *Kaifas – der Hohepriester jenes Jahres: Geschichte und Deutung*, p. 75.

teológica promovida pela cena ou micronarrativa em questão. Em vista disso, foi valorizado, sobretudo, o trabalho com a Concordância. Em diversos momentos, pois, os textos paralelos pertencentes ao Novo Testamento, em especial, aos quatro Evangelhos, fornecem informações importantes sobre elementos presentes em Jo 19,19-22. Nesse sentido, confirmou-se o princípio da exegese canônica de que os textos bíblicos se explicam mutuamente. Além disso, foi de maior importância investir em estudos históricos, seja referentes à cultura romana, seja em relação à história da cidade de Jerusalém e/ou da cultura religiosa do povo judeu.

Assim, de forma mais detalhada e de acordo com uma análise crítica das fontes pertencentes ao século I d.C., o primeiro objetivo foi compreender *Pôncio Pilatos* como *governador romano da província da Judeia* (2.1). Junto a isso, ocorreu um olhar para a prática dos romanos de indicarem a *culpa* de alguém condenado à morte por meio de uma *epígrafe* ou de um *letreiro* (2.2). Seguiu-se um estudo sobre Jesus como *nazareno* (2.3), com isso, foi possível descobrir uma série de *conotações simbólico-teológicas* desse *conome*, detalhe até agora não explorado nos estudos exegéticos. Assim, compreender Jesus como *nazareno*, permite lembrar-se (a) de suas *origens em Nazaré*; (b) de sua *insignificância* ante Pilatos e ante as lideranças sacerdotais ligadas ao templo de Jerusalém; (c) de sua identidade como *consagrado*, no sentido de ele ser santo como Deus é santo, como *reberto messiânico* e como *guardião* divino, homem *guardião*, observador e preservador da vontade divina e/ou, simplesmente, *guardado* por e para Deus. O estudo sobre a expressão *o rei dos judeus* (2.4), levando em consideração o contexto histórico-político ao qual Jesus pertenceu, evidenciou que tal título dado por Pilatos ao Crucificado, provavelmente, era apenas expressão de zombaria e humilhação. A investigação do *lugar da crucificação* (2.5) e das *três línguas* usadas para compor a inscrição (2.6) mostrou como a visibilidade do letreiro de Pilatos se encontrou proporcionada por tais circunstâncias. Finalmente, o estudo dos *sumos sacerdotes* (2.7) revelou que não ocorreu uma verdadeira controvérsia entre esses líderes sacerdotais do povo judeu e o governador romano. Pelo contrário, existia entre esses uma maior concordância em relação à realeza de Jesus.

Enfim, após os estudos da *configuração poética* do texto em Jo 19,19-22, realizados no primeiro capítulo desta Dissertação, e após as investigações *histórico-teológicas* de

diversos elementos pertencentes ao episódio joanino em questão, realizadas no segundo capítulo da Dissertação, agora é possível descobrir melhor o quanto os quatro versículos pesquisados aqui promovem uma reflexão profunda e atual, surpreende, portanto, que até este momento "há poucos estudos" sobre o que se ouve ou lê em Jo 19,19-22.⁹⁸

⁹⁸ Johannes BEUTLER, **Evangelho segundo João: comentário**, p. 435.

Considerações finais

A *epígrafe* ou o *letreiro* fixado na cruz, com uma inscrição atribuída a *Pilatos*, traz historicamente o primeiro texto escrito sobre Jesus. Lê-se um *título* que oferece informações de forma breve, ora como frase completa, ora como enunciado sem verbo, dependendo da configuração poética que cada um dos quatro Evangelhos neotestamentários deu ao texto (Mt 27,37; Mc 15,26; Lc 23,38; Jo 19,19). Apesar da brevidade, porém, as palavras, com as suas cargas semânticas, promovem ampla reflexão teológica, seja sobre o contexto histórico dos acontecimentos, seja sobre a importância do Crucificado.

Na pesquisa aqui apresentada em forma de uma Dissertação de Mestrado, estudou-se o texto maior presente no Quarto Evangelho (Jo 19,19). De acordo com esse testemunho, o escrito pilatiano na cruz favorece as seguintes reflexões: (a) o crucificado é *Jesus*: por causa do comportamento, do ensino e do amor dele aos seus, acabou sendo condenado e morto violentamente; (b) Jesus é o *nazareno*: enquanto suas origens geográficas, de um lado, espelham pequenez e insignificância, os prováveis significados do nome do local, por outro lado, permitem que o Crucificado seja compreendido como consagrado, ou seja, santo como Deus é santo, como rebento messiânico e como quem guarda a vontade de Deus e/ou é guardado por Deus; (c) a apresentação do Crucificado como “o rei dos judeus” evidencia tanto a intenção do opressor de humilhar o povo por ele oprimido como revela a chegada de um modelo alternativo de poder: “a dignidade real de Jesus, pois, não é deste mundo” e, por isso, “ela não é executada com instrumentos mundanos de poder” (Jo 18,36); no entanto, “ela se realiza neste mundo” a serviço da verdade (Jo 18,37), sendo que esta última encontra seu auge, quando alguém dá sua vida pelos outros.⁹⁹

Conforme o Evangelho segundo João, o texto epigrafado sobre o letreiro de Pilatos logo provocou uma controvérsia (Jo 19,19-22). Ou seja, a cena que nos outros três Evangelhos “não ocupa mais do que dezessete palavras, recebe setenta e cinco palavras no Evangelho segundo João”, sendo que o episódio promove uma ampla reflexão

⁹⁹ Johannes BEUTLER, *Evangelho segundo João: comentário*, p. 433.

histórico-teológica.¹⁰⁰ Nesse sentido, fica evidente que nem Pilatos como governador romano, nem os sumos sacerdotes como maior autoridade religiosa do povo judeu estavam dispostos a acolher o mistério divino que acompanhava Jesus e motivava o comportamento e ensino dele. Assim, o primeiro texto escrito sobre Jesus parece revelar três realidades: (a) a violência discriminatória, a incapacidade e a insegurança de quem governa; (b) a incompreensão e a subserviência de quem, como autoridade religiosa, visa apenas à sobrevivência do templo e das estruturas institucionalizadas de uma comunidade que corre o risco de já não defender mais, de modo profético, a verdade provinda de Deus; (c) a verdade do mistério que, segundo os Evangelhos, se fez e faz presente na pessoa de Jesus.

Eis a tarefa das *reescrituras de Jesus*, as quais se iniciaram com o trabalho dos autores neotestamentários. Como texto escrito em “três línguas”, a *epígrafe* ou o *letreiro* de Pilatos logo foi “lido por muitos” (Jo 19,20). Mais ainda, mostrou que é possível expressar a verdade presente em Jesus em uma só linha. Em contrapartida, também documentou prontamente o quanto Jesus se tornaria “um sinal contradito” (Lc 2,34).

¹⁰⁰ Alan R. CULPEPPER, **The Theology of the Johannine passion narrative: John 19:16b-30**, p. 22.

Referências bibliográficas

- ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce (Eds.). **The Greek New Testament**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014.
- AMORAI-STARK, Shua; HERSHKOVITZ, Malka; FORSTER, Gideon; KALMAN, Yakov; CHACHY, Rachel; PORAT, Roi. **An Inscribed Copper-Alloy Finger Ring from Herodium Depicting a Krater**. In: *Israel Exploration Journal*, 68 (2018) p. 208-220, 2018.
- ARAÚJO, Gilvan Leite de. **História da festa judaica das Tendias**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- ARAÚJO, Gilvan Leite de. **Jesus e a samaritana**. In: *Revista de Cultura Teológica*, 87 (2016) 231-249.
- ARAÚJO, Gilvan Leite de. **Páscoa ou páscoas judaicas?** In: *Revista de Cultura Teológica*, 89 (2017) 78-97.
- BADIOLA, J. A. Sáenz de Ugarte. **Tipología pascual en el relato joánico de la muerte de Jesús**. In: *Scriptorium Victoriense*, 47 (2000) 5-19.
- BAESLEY-MURRAY, Jorge R. **John**. Nashville: Thomas Nelson, 1999.
- BARRETT, Charles Kingsley. **Das Evangelium nach Johannes**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.
- BAUER, Walter. **Wörterbuch zum Neuen Testament**. 6. ed. Berlin: De Gruyter, 1988.
- BECKER, Jürgen. **Das Evangelium nach Johannes: Kapitel 11-21**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Mohn; Würzburg: Echter, 1981.
- BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João: comentário**. São Paulo: Loyola, 2015.
- BEUTLER, Johannes. **“Reich Gottes” im Johannesevangelium**. In: *Biblica*, 96 (2015), 428-441.
- BLANCHARD, Yves-Marie. **São João**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BOER, Martinus C. de. **The Narrative Function of Pilate in John**. In: George J. Brooke; Jean-Daniel Kaestli (eds.). *Narrativity in Biblical and Related Texts / La narrativité dans la Bible et les textes apparentés*. Leuven: University Press, 2000, p. 141-158.
- BOND, Helen K. **Pontius Pilate in history and interpretation**. Cambridge: University Press, 2000.

- BÖSEN, Willibald. **Für uns gekreuzigt?: Der Tod Jesu im Neuen Testament.** Freiburg: Herder, 2018.
- BRÄNDLE, F. **Jesús Nazareno ¿por que? El puesto de José en el camino de la revelación.** In: *Cahiers de Joséphologie*, 39 (1991) 33-41.
- BROWN, Raymond E. **A comunidade do discípulo amado.** 7. ed. São Paulo: Paulus, 2013.
- BROWN, Raymond E. **A morte do Messias: comentário das Narrativas da Paixão nos quatro Evangelhos.** Volume I. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BROWN, Raymond E. **A morte do Messias: comentário das narrativas da Paixão nos quatro Evangelhos.** Volume II. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BROWN, Raymond E. **The Gospel according to John (XIII-XXI): Introduction, Translation and Notes.** Garden City, New York: Doubleday, 1970.
- BRUCE, Frederick Fyvie. **João: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BRUTTI, Maria. **The Development of the High Priesthood during the pre-Hasmonean Period: History, Ideology, Theology.** Leiden: Brill, 2006.
- CALABI, Francesca. **Filon de Alexandria.** São Paulo: Paulus, 2014.
- CARSON, Donald Arthur. **O comentário de João.** São Paulo: Shedd, 2007.
- CARSON, Donald Arthur. **The Gospel according to John.** Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1991.
- CROSSAN, Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos.** São Paulo: Paulinas, 2007.
- CULPEPPER, R. Alan. **The Theology of the Johannine passion narrative: John 19:16b-30.** In: *Neotestamentica*, 31 (1997) 21-37.
- DAHLHEIM, Werner. **Die Welt zur Zeit Jesu.** 4. ed. Munique: Beck, 2015.
- DEVILLERS, Luc. **A Saga de Siloé. Jesus e a festa das Tendas (João 7,1-10,21).** São Paulo: Paulinas, 2015.
- DIEBOLD-SCHEUERMANN, Carola. **Jesus vor Pilatus: Eine exegetische Untersuchung zum Verhör durch Pilatus (Joh 18,28–19,16a).** Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1996.
- DIETZFELBINGER, Christian. **Das Evangelium nach Johannes: Teilband 2; Johannes 13-21.** Zürich: Theologischer Verlag, 2001.
- EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos métodos lingüísticos e histórico-críticos.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

- FELDMAN, Louis H.; REINHOLD, Meyer. **Jewish Life and Thought among Greeks and Romans: Primary Readings**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1996.
- FERNÁNDEZ, Felipe Ramos. **Diccionario del Mundo Joánico: Evangelio – Cartas – Apocalipsis**. Burgos: Monte Carmelo, 2004.
- FORTNA, Robert T. **Pre-Johannine Passion Narrative as Historical Source: Reconstructed Text and Critique**. In: *Forum*, 1 (1998) 71-94.
- GARCÍA Santos, Amador-Ángel. **Gramática do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2008.
- GRAVES, David E. **Pilate's Ring and Roman Religion**. In: *Near East Archaeological Society Bulletin*, 64 (2019) 1-20.
- GIBSON, Shimon. **The Trial of Jesus at the Jerusalem Praetorium: New Archaeological Evidence**. In: Evans, Craig E. (ed.). *The World of Jesus and the Early Church: Identity and Interpretation in Early Communities of Faith*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2011.
- GRENZER, Matthias. **A proposta ímpar do amor ao imigrante (Lv 19,33-34)**. In: MOREIRA, Alberto da Silva (org.). *Religião, migração e mobilidade humana*. Goiânia: Editora da PUC-Goiás, 2017. p. 13-30.
- GRENZER, Matthias. **Convivências junto à cruz (Jo 19,25-27)**. In: *Atualidade Teológica*, 57 (2017) 458-475.
- GRENZER, Matthias; GRENZER, Francisca de Farias. **A untura de Jesus (Jo 12,3)**. In: *Revista de Cultura Teológica*, 88 (2016) 357-369.
- GRENZER, Matthias; GRENZER, Francisca de Farias. **Especiarias no sepultamento de Jesus (Jo 19,39-40)**. In: *Paralellus*, 20 (2018) 35-47.
- GRENZER, Matthias; GRENZER, Francisca de Farias. **O véu de Moisés e o sudário de Jesus**. In: *Paralellus*, 23 (2019) 109-120.
- HAENCHEN, Ernst. **Das Johannesevangelium: ein Kommentar**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1980.
- HASEMANN, Michael. **Testimoni Del Golgota: Le reliquie della passione di Gesù**. Torino: Edizioni San Paolo, 2003.
- HEEDE, Philippe Van Den. **Der Exeget Gottes: Studien zur johanneischen Offenbarungstheologie**. Freiburg: Herder, 2017.
- HEIL, Christoph. **Jesus aus Nazaret oder Betlehem? Historische Tradition und ironischer Stil im Johannesevangelium**. In: Christoph Heil. *Das Spruchevangelium Q und der historische Jesus*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2014.

- HENGEL, Martin. **The “Hellenization” of Judaea in the first century after Christ.** London: SCM, 1989.
- HESEMANN, Michael. **Die Jesus-Tafel: Entdeckung der Kreuzinschrift.** Freiburg: Herder, 2019.
- HOEHNER, Harold W. **Herod Antipas: a Contemporary of Jesus Christ.** Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1980.
- HOPPE, Rudolf. **Galiläa – Geschichte, Kultur, Religion.** In: SCHENKE, Ludgar e outros. *Jesus von Nazaret – Spuren und Konturen.* Stuttgart: Kohlhammer, 2004. p. 41-58.
- JÚNIOR, João Luiz Correia; SOARES, Sebastião Armando Gameleira. **Roteiro para analisar textos da Bíblia.** São Leopoldo: CEBI, 2017.
- KEENER, Craig S. **The Gospel of John: a Commentary.** V. II. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 2003.
- KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade.** Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 2000.
- KRAMP, Igna Marion. **Die Gärten und der Gärtner im Johannesevangelium: Eine raumsemantische Untersuchung.** Münster: Aschendorff, 2017.
- LELOUP, Jean-Yves. **O Evangelho de João.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LINDARS, Barnabas. **The Gospel of John.** London: Oliphants, 1972.
- LOPASSO, V. **Il titolo ‘il re dei giudei’ in Giovanni e il Targum di Gen 49,8.10-12.** In: *Vivarium* [Catanzaro] 3 (1995) 363-385.
- LOUW, Johannes.; NIDA, Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos.** Barueri: Sociedade Bíblica, 2013.
- MACHEN, J. Gresham. **Grego do Novo Testamento para iniciantes.** São Paulo: Hagnos, 2013.
- MALZONI, Cláudio Vianney. **Evangelho segundo João.** São Paulo: Paulinas, 2018.
- MALZONI, Cláudio Vianney. **25 lições de iniciação ao grego do Novo Testamento.** 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MARCHESELLI, Maurizio. **Nápis na kríži a jánovská komunita (Jn 19,19-22).** In: *Studia Biblica Slovaca*, s.n. (2007) 75-88.
- MARTIN, Ronald H. **Tacitus and the writing of history.** Berkeley: California Press, 1981.

- MATEUS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2015.
- MATEUS, Juan; BARRETO, Juan. **Vocabulário Teológico do Evangelho de São João**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- METZNER, Rainer. **Kaiphos – der Hohepriester jenes Jahres: Geschichte und Deutung**. Leiden: Brill, 2010.
- MICHAELS, J. Ramsey. **The Gospel of John**. Grand Rapids, Michigan; Cambridge: William B. Eerdmans, 2010.
- MORRIS, Leon. **The Gospel according to John**. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1995.
- MOUNCE, William D. **Léxico Analítico do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- NEF, Boris Agustín Ulloa. **A apresentação de Jesus no templo (Lc 2,22-39): O testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- NEGEV, Avraham; GIBSON, Shimon. **Golgotha**. In: NEGEV, Avraham; GIBSON, Shimon. *Archaeological Encyclopedia of the Holy Land*. New York; Londres: Continuum, 2001.
- PEETZ, Melanie. **Das biblische Israel: Geschichte – Archäologie – Geographie**. Freiburg: Herder, 2018.
- PORSCH, Felix. **Das Johannesevangelium**. In: LIMBECK, Meinrad; MÜLLER, Paul-Gerhard; PORSCH, Felix. *Stuttgarter Kleiner Kommentar zu den Evangelien*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2009, p. 559-736.
- REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do Grego Bíblico. Gramática fundamental. Interativa com os autores via Internet**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- RIGATO, Maria-Luisa. **I.N.R.I.: Il titolo della Croce**. Bologna: EDB, 2010.
- SCHENKE, Ludger. **Das Johannesevangelium: vom Wohnen Gottes unter uns**. Freiburg: Herder, 2018.
- SCHNABEL, Eckhard J. **The Roman Trial before Pontius Pilatus**. In: CHAPMAN, David W.; SCHNABEL, Eckhard J. *The Trial and Crucifixion of Jesus*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015. p. 153-298.
- SCHNELLE, Udo. **Das Evangelium nach Johannes**. 2. ed. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2000.

- SCHULZ, Siegfried. **Das Evangelium nach Johannes**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1972.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Ler a Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2007.
- SMITH, Dwight Moody. **John**. Nashville: Abingdon, 1999.
- STENGER, Werner. “**Gebt dem Kaiser, was des Kaisers ist...!**”: Eine sozialgeschichtliche Untersuchung zur Besteuerung Palästinas in neutestamentlicher Zeit. Frankfurt am Main: Athenäum, 1988.
- STIBBE, Mark W. G. **John**. Sheffield: Academic, 1996.
- SWETNAM, James. **Gramática do Grego do Novo Testamento. Parte I: Morfologia. Volume I: Lições**. 3. ed. São Paulo: 2011.
- SWETNAM, James. **Gramática do Grego do Novo Testamento. Parte I: Morfologia. Volume I: Chaves e Paradigmas**. 3. ed. São Paulo: 2011.
- TAYLOR, Joan E. **Pontius Pilate and the Imperial Cult in Roman Judaea**. In: *New Testament Studies*, 52 (2006) 555-582.
- TOPS, Thomas. **Whose Truth? A Reader-Oriented Study of the Johannine Pilate and John 18,38a**. In: *Biblica*, 97 (2016) 395-420.
- TUCKETT, Christopher M. **Pilate in John 18–19: A Narrative-Critical Approach**. In: BROOKE, George J.; KAESTLI, Jean-Daniel (eds.). *Narrativity in Biblical and Related Texts / La narrativité dans la Bible et les textes apparentés*. Leuven: University Press, 2000, p. 131-140.
- TUÑÍ, Josep-Oriol.; ALEGRE, Xavier. **Escritos Joaninos e Cartas Católicas**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2007.
- WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia**. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.
- WENGST, Klaus. **Das Johannesevangelium: 2. Teilband; Kapitel 11-21**. Stuttgart: Kohlhammer, 2001.
- ZWICKEL, Wolfgang. **Atlas Bíblico**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- ZWICKEL, Wolfgang; EGGER-WENZEL, Renate; ERNST, Michael (eds.). **Herders Neuer Bibelatlas**. Freiburg: Herder, 2013.

Texto de Internet

BACKHAUS, Knut. **Hohepriester**. Disponível em: *Das wissenschaftliche Bibellexikon im Internet (WiBiLex)*, 2010.

<<http://www.bibelwissenschaft.de/stichwort/46907/>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2020.

GRENZER, Francisca Antonia de Farias. "**Porventura, sou eu um judeu?" (Jo 18,35b): resquício de uma distinção discriminatória de Pilatos**". Disponível em: GRENZER, Matthias; ARAÚJO, Gilvan Leite de (org.). *Os Direitos Humanos à luz da Doutrina Social da Igreja*. Anais do III Congresso Internacional de Doutrina Social da Igreja. São Paulo: PUC-SP, 2018. p. 107-112.

<<https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/teologia/anais-texto-final-13-12-2018.pdf>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2020.